



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES
PROFLETRAS - MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGENS E LETRAMENTOS

JOSÉLIA RODRIGUES MORAES

**A LITERATURA DE CORDEL NA FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO
FUNDAMENTAL ANOS FINAIS**

MARABÁ - PA

2023

JOSÉLIA RODRIGUES MORAES

**A LITERATURA DE CORDEL NA FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO
FUNDAMENTAL ANOS FINAIS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Linguística, Letras e Artes (ILLA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Pereira Machado Soares

MARABÁ - PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho

M826l Moraes, Josélia Rodrigues
A literatura de cordel na formação de leitores no ensino fundamental anos finais / Josélia Rodrigues Moraes. — 2023.

Orientador(a): Eliane Pereira Machado Soares.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Marabá, 2023.

1. Leitura - Estudo e ensino. 2. Literatura de cordel brasileira. 3. Letramento. 4. Incentivo à leitura. 5. I. Soares, Eliane Pereira Machado, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 372.40981

JOSÉLIA RODRIGUES MORAES

**A LITERATURA DE CORDEL NA FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO
FUNDAMENTAL ANOS FINAIS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Linguística, Letras e Artes (ILLA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Data da aprovação: Marabá (PA), 30 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliane Pereira Machado Soares
Orientadora e Presidente (UNIFESSPA)

Profa. Dra. Eliane Cristina Testa
Membro Externo (UFNT)

Prof. Dr. Gilson Penalva
Membro Interno (UNIFESSPA)

Dedico este trabalho aos meus pais José Martins Moraes e Ailene Rodrigues Moraes (*in memoriam*) que partiram antes que este sonho se realizasse, mas participaram de sua construção.

AGRADECIMENTOS

A Deus, força e luz na minha vida, gratidão sempre!

Aos meus pais, José Martins Moraes e Ailene Rodrigues Moraes (*in memoriam*), por todo amor e cuidado dedicados à nossa família.

Aos meus irmãos, por nossa união e carinho.

Aos meus sobrinhos, especialmente ao Carlos Vinícius sempre disposto a me auxiliar com as tecnologias digitais.

Ao meu esposo, por apoiar meus projetos e pela presença nos momentos mais difíceis deste percurso.

À Profa. Dra. Áustria Rodrigues Brito (*in memoriam*), a qual tive o privilégio de ser aluna na graduação e orientanda no Profletras, no início do curso. Sou muito grata por todas as suas contribuições e lamento pela súbita partida.

À minha turma de colegas do Profletras, por tantos conhecimentos compartilhados e encorajamento, os quais espero um dia conhecê-los pessoalmente, já que estudamos em formato *online* em virtude da pandemia da Covid-19. Agradeço a Leila, Apoliana, Simone Peres e Marliane pelos trabalhos acadêmicos que realizamos juntas e pelo vínculo de amizade.

À minha orientadora, Profa. Dra. Eliane Soares, a quem admiro muito, também foi minha professora e orientadora de TCC, na graduação. Agradeço por ter acolhido, tão prontamente, este projeto de pesquisa.

À coordenação do Mestrado Profletras e a todos os professores que através das disciplinas ou eventos formativos virtuais contribuíram com nosso conhecimento, possibilitando reflexões e debates acerca de muitas temáticas relevantes para nossa formação humana e profissional.

Às colaboradoras Rosiane Alves, Maria Raimunda e Danielle Lima, pelas contribuições importantes à realização desta pesquisa.

À direção e à coordenação da Escola Municipal de Ensino São Francisco, pelo apoio durante a pesquisa e a escrita desta dissertação. Agradeço a Cleuzimar DA SILVA SAURO, Secretária de Educação Municipal, pela luta por uma educação de qualidade no município de São Domingos do Araguaia, no campo e na cidade.

Ao Prof. Dr. Stélio Torquato Lima, coordenador do Grupo de Estudo Arievaldo Viana (GEVAC) - da Universidade Federal do Ceará, pela generosidade e humildade com as quais sempre me atendeu, e por presentear os leitores da literatura de cordel com suas lindíssimas

obras. Agradeço também aos demais colegas do grupo GEVAC pelas informações, poesias e interações no movimento desse grupo.

À banca avaliadora, o Prof. Dr. Gilson Penalva e Profa. Dra. Eliane Testa, por aceitarem o convite de avaliar meu trabalho tanto na qualificação como na defesa, e por suas valiosas contribuições.

Aos meus queridos alunos da turma do 8º ano pelo engajamento nas oficinas de leitura, demonstrando protagonismo juvenil na realização de todas as ações do projeto.

A todos que se fizeram presentes em algum momento dessa jornada, deixo aqui meus singelos agradecimentos.

“Quem não sonha
Não é capaz de viver
Eu vivo porque sonho
Sonho que amanhã
Depois de amanhã
Será sempre um novo dia
Um dia melhor
[...]
Que os pobres
Os povos indígenas
Os negros
As mulheres
Os camponeses...
Tenham seus direitos respeitados
Em lugar da desunião
Da discórdia e da violência
O amor, a união e a paz.
[...]”

(PEREIRA, 2015, p. 30-31)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo contribuir no processo de ensino e de aprendizagem de linguagem e letramentos por meio da literatura de cordel com vistas à formação de leitores críticos e reflexivos. Trata-se de um projeto de intervenção pedagógica de leitura literária, com foco em práticas de oralidade e escuta de diversas obras, diferentes composições poéticas e autores da literatura de cordel, desenvolvido para atender aos alunos dos anos finais do ensino fundamental. As sugestões metodológicas buscam ser espaços nos quais o estudante tem liberdade para pensar e participar. O trabalho foi desenvolvido mediante Oficinas de leituras, em etapas: Oficina 1 - Leitura de textos multimodais (cordéis, xilogravura, música e vídeo); Oficina 2 – Aspectos históricos e características da literatura de cordel; Oficina 3 - Aspectos estruturais do cordel; Oficinas 4 e 5 - Rodas de leituras e declamações de cordéis. Os fundamentos teóricos da pesquisa estão embasados nos estudos de Zilberman (1991, 2009, 2021), Lajolo (1988), Terra (2014), Freire (1989), Mortatti (2004), Soares (2017), Street (1984), Rojo (2009, 2010, 2012), Bakthin (2003), Marcuschi (2008), Candau e Moreira (2015), Bhabha (1998), Bonnici(1998), Paulino (2010), Zumthor (2007, 2010), Yunes (2015), Abreu (2006), Cascudo (2006), Haurélio (2010), Melo (2020), Pinheiro e Marinho (2012), Brandão (2011), Grillo (2015), Galvão (2006), Viana (2010), Lima (2013), Nascimento (2019), Oliveira (2020), Macedo (2021), Souza (2011), Chacon (2021), BNCC (2018). Com essa proposta, pretendemos ampliar a noção que os estudantes têm de leitura, demonstrar que a significação do texto vai além do que está expresso linguisticamente na superfície, levando o leitor a construir o sentido do texto, por meio dos conhecimentos prévios, inferências e conhecimentos linguísticos e textuais, numa atitude reflexiva e colaborativa. Pretende-se também contribuir para uma sensibilização e mobilização sobre a importância da literatura de cordel como Patrimônio Cultural Imaterial do povo brasileiro que precisa ser mais conhecida e valorizada.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem e letramentos. Literatura de Cordel. Formação de leitores.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the teaching and learning process of language and literacy through cordel literature with a view to forming critical and reflective readers. This is a pedagogical intervention project on literary reading, focusing on orality practices and listening to different works, different poetic compositions and authors of cordel literature, developed to assist students in the final years of elementary school. The methodological suggestions seek to be spaces in which the student is free to think and participate. The work was developed through reading workshops, in stages: Workshop 1 - Reading multimodal texts (cordéis, woodcuts, music and video); Workshop 2 – Historical aspects and characteristics of cordel literature; Workshop 3 - Structural aspects of twine; Workshops 4 and 5 - Circles of readings and declamations of strings. The theoretical foundations of the research are based on studies by Zilberman (1991, 2009, 2021), Lajolo (1988), Terra (2014), Freire (1989), Mortatti (2004), Soares (2017), Street (1984), Rojo (2009, 2010, 2012), Bakthin (2003), Marcuschi (2008), Candau e Moreira (2015), Bhabha (1998), Bonnici(1998), Paulino (2010), Zumthor (2007, 2010), Yunes (2015), Abreu (2006), Cascudo (2006), Haurélio (2010), Melo (2020), Pinheiro e Marinho (2012), Brandão (2011), Grillo (2015), Galvão (2006), Viana (2010), Lima (2013), Nascimento (2019), Oliveira (2020), Macedo (2021), Souza (2011), Chacon (2021), BNCC (2018). Com essa proposta, pretendemos ampliar a noção que os estudantes têm de leitura,. With this proposal, we intend to expand the students' notion of reading, to demonstrate that the meaning of the text goes beyond what is linguistically expressed on the surface, leading the reader to build the meaning of the text, through prior knowledge, inferences and knowledge linguistic and textual elements, in a reflective and collaborative attitude. It is also intended to contribute to raising awareness and mobilizing the importance of cordel literature as an Intangible Cultural Heritage of the Brazilian people that needs to be better known and valued.

KEYWORDS: Language and literacies. Literature of twine. Reader training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 01 - Imagens obras adaptadas com a linguagem do cordel
- Figura 02 - Imagem Obra aprovada pelo PNL D 2018
- Figura 03 – Mapa localização de São Domingos no estado do Pará
- Figura 04 – Foto da EMEF São Francisco
- Figura 05 – Gráfico Estudantes entrevistados
- Figura 06 - Gráfico residência dos entrevistados
- Figura 07 - Gráfico Estudantes Faixa etária
- Figura 08 - Gráfico Escolaridade pais dos entrevistados
- Figura 09 - Cordelconvite
- Figura 10 – Foto da Dinâmica de boas-vindas
- Figura 11 – Roda de conversas
- Figura 12 – Foto da Dinâmica dos balões
- Figura 13 – Formas de exposições dos cordéis para venda
- Figura 14 – Rodas de leituras
- Figura 15 – Trabalhos em grupos
- Figura 16 – Evento cultural e declamações de cordéis
- Figura 17 - Relato de experiência de estudante
- Figura 18 - Relato de experiência de estudante

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Curricular Comum
DCE/PA	Documento Curricular do Estado do Pará
PPP	Projeto Político Pedagógico
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
FECAMPO	Faculdade de Educação do Campo
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
PISA	Programa de Avaliação Internacional de Estudantes
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
GEVAC	Grupo de Estudos Cordelista Arievaldo Viana

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. FORMAÇÃO DE LEITORES: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE CORDEL	18
2.1 Práticas de leitura literária no Ensino Fundamental Anos Finais.....	18
2.2 O cordel como objeto de ensino e de aprendizagem na BNCC e na sala de aula	24
2.3 Literatura de cordel como prática de letramentos de reexistência e cultural	28
3. LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS	34
3.1 Aspectos históricos da Literatura de Cordel no Brasil	34
3.2. Características do cordel.....	39
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	44
4.1. Caracterização do <i>locus</i> da pesquisa	44
4.2. Participantes da pesquisa.....	46
4.3. Proposta e ação pedagógica	49
4.3.1. A fase diagnóstica	49
4.3.2. A seleção/elaboração do material interventivo	49
4.3.3. A aplicação de oficinas de leitura.....	51
5. ANÁLISE DO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM DA LITERATURA DE CORDEL	53
5.1. Descrição e análise dos resultados da Oficina 1.....	53
5.2. Descrição e análise dos resultados da Oficina 2.....	59
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	73

1. INTRODUÇÃO

O interesse em realizar um projeto de pesquisa com a literatura de cordel deve-se, primeiramente, à relação de uma professora-pesquisadora com essa literatura nas suas práticas de letramentos e, como diz Paulo Freire (2015), com o seu primeiro mundo, o lugar onde nasceu, a casa, o quintal da casa, o bairro, a cidade, o país. Nas viagens com a minha família para Teresina, capital do Piauí, lugar onde nasci, recordo de alguns momentos que passamos no interior do estado: ficávamos hospedados na casa dos meus avós paternos, e nos reuníamos com os demais parentes da vizinhança, nos quintais e alpendres, para ler cordéis, contar causos e rezar.

Moramos por um tempo na Região Nordeste e gostávamos de assistir apresentações que aconteciam nas praças públicas da cidade de Teresina, eram os repentistas com suas violas. Nesses eventos, além das cantorias, havia exposição de folhetos de cordéis, meus pais compravam os livrinhos e pediam para eu ler em casa, nessa época eu tinha onze anos de idade, cursava o Ensino Fundamental Anos Finais.

Ao retornarmos para o estado do Pará, trouxemos na bagagem vários cordéis. Sempre que íamos passear no sítio dos meus tios fazíamos leituras desses folhetos, em rodas ou deitados em nossas redes de dormir. Nos divertíamos com tantas narrativas e personagens interessantes. Quando a leitura era na rede de dormir, precisávamos aumentar o volume da voz a fim de garantir uma boa escuta aos ouvintes. Dessa forma, os folhetos de cordéis, assim como, os livros de receitas culinárias de minha mãe, as cartas pessoais e a bíblia constituíam as principais práticas de letramentos no meu processo de formação leitora. Porém, essas práticas ligadas ao meu mundo particular, não eram investigadas pela escola, a literatura de cordel não era tema tratado em sala de aula.

Muitos anos se passaram, como professora voltei a ter contato com o cordel por meio do Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP), no entanto, a forma como a literatura de cordel era abordada nesse material causou-me certa inquietação. Na escola, dificilmente encontramos folhetos de cordéis, os textos presentes no LDLP não são selecionados pelo professor que irá ministrar a aula, as atividades de leitura e compreensão privilegiam aspectos gramaticais da língua e características do gênero discursivo. Diante disso, é necessário pensar sobre novas formas, espaços/situações para apresentar o cordel às crianças e aos jovens, conforme afirmam Marinho *et al.* (2012), há pouco espaço para experiências com a literatura oral mediada pelos adultos, no cotidiano escolar.

Diante desse contexto, passei a investigar se haviam práticas de letramentos, por meio da literatura de cordel, na comunidade escolar. Descobri que havia uma servidora de nossa escola que produzia cordel, Rosiane Alves de Souza Ramos, licenciada em Educação do Campo, pela UNIFESSPA - FECAMPO, e secretária escolar. Havia também uma colega de curso da Rosiane, Maria Raimunda Dias Barbosa, professora de uma escola vizinha, no município de São João do Araguaia, que também tinha produções acadêmicas em cordel. Convidei, então, as professoras para desenvolvermos algumas atividades com o cordel em sala de aula, com uma turma do 7º ano, no ano de 2019, antes mesmo de iniciar o curso do mestrado. Buscamos desenvolver atividades que pudessem ir além do que constava no LDLP. No entanto, eram práticas pedagógicas desconectadas de um projeto de pesquisa, que somente depois, com o ingresso em um mestrado profissional, precisaram ser (re)pensadas e (re)analisadas. Retomando Paulo Freire (2015, p. 33) “Rever o antes visto quase sempre implica ver ângulos não percebidos antes. A leitura posterior do mundo pode constituir-se de forma mais crítica, menos ingênua, mais rigorosa.” O processo de formação em um curso de mestrado profissional possibilita ao professor a ressignificação de seu percurso profissional, promovendo uma visão crítico-reflexiva sobre seus próprios projetos e trajetórias formativas, modificando suas atitudes profissionais.

O meu ingresso no curso do mestrado profissional - Profletras ocorreu em um contexto de pandemia. Em março de 2020, todo o país passou a enfrentar a pior crise sanitária da história, as aulas presenciais tiveram de ser suspensas para frearmos a transmissão do coronavírus (COVID-19) entre nossos estudantes, professores e demais profissionais envolvidos no dia a dia da educação. A pandemia da Covid-19 trouxe uma série de desafios, incertezas e medos, alterou a dinâmica e rotina do ensino, professores precisaram se reinventar e as desigualdades sociais existentes em nosso país tiveram maior visibilidade, principalmente se tratando da Educação do Campo, pois como alternativa emergencial para garantir a continuidade dos serviços de educação foi implantado nas escolas a modalidade de ensino remoto, o qual necessitava que estudantes e professores tivessem acesso à internet e a outros recursos tecnológicos. No município de São Domingos do Araguaia - PA, *lócus* de minha pesquisa, as aulas presenciais foram totalmente suspensas nos anos de 2020 e 2021, o atendimento aos estudantes passou a ser feito através da entrega de materiais impressos (apostilas), com orientações pelos grupos do WhatsApp àqueles que tivessem acesso à internet e telefones celulares.

Mesmo diante das problemáticas apontadas seguimos com nossos trabalhos nas escolas e com as aulas do mestrado de forma *online* (síncrona e assíncrona). A escolha pela proposta

desta pesquisa foi apresentada na primeira disciplina do curso, ministrada pela professora Dra. Áustria Brito, intitulada-se “A literatura de cordel na formação de leitores no Ensino Fundamental Anos Finais”. Vários fatores já apontados, despertaram meu interesse em realizar um projeto de pesquisa com a literatura de cordel, mas destaco neste estudo o que é apresentado como a problemática deste trabalho: a literatura de cordel tem sido pouco reconhecida e explorada na escola, mesmo sendo um excelente meio para formação de leitores. Observa-se nos materiais impressos de leitura, que circulam na escola, a prioridade aos textos de obras já consagradas pela crítica literária e, a leitura desses textos associada à realização de atividades escolares.

A realização desta pesquisa de natureza interventiva propõe-se a contribuir para uma sensibilização e mobilização sobre a importância da literatura de cordel em qualquer região do Brasil, pois apesar de ser mais produzida e apreciada na região Nordeste, também está presente em outras regiões do país como a Região Sudeste, Centro-Oeste e Norte. Portanto, o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula é um artifício de inclusão e valorização da diversidade cultural brasileira.

E o mais importante de tudo, como afirmam Marinho *et al.* (2012, p.28), “é que a literatura de cordel seja percebida como uma produção cultural de grande valor e que precisa ser conhecida, preservada e cada vez mais integrada à experiência de vida de nossas gerações.” Os participantes da pesquisa são jovens de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal São Francisco, localizada no município de São Domingos do Araguaia -PA, na zona rural.

Os fundamentos teóricos da pesquisa estão embasados nos estudos de Zilberman (1991, 2021), Lajolo (1988, 2018), Terra (2014), Freire (1989) Bakthin (2003), Nascimento (2019) sobre as concepções de leitura literária e as contribuições da literatura de cordel na formação de leitores no ensino fundamental anos finais. Sendo destacado o valor estético e *performance* do cordel nos estudos de Zumthor (2007, 2010), Galvão (2006) e Pinheiro e Marinho (2012); os estudiosos Yunes (2015), Paulino (2010) e Marcuschi (2008), reforçam as discussões sobre o poder da oralidade. Mortatti (2004), Soares (2017), Street (1984), Rojo (2009), Paulino (2010), fundamentam as discussões sobre letramento e letramentos sociais, enquanto que Chacon (2021), Souza (2011), Macedo (2021) e Gomes (2021) discutem práticas de letramentos de reexistência, resistência e culturais. Os estudiosos Haurélio (2010), Cascudo (2006), Abreu (2006), Melo (2020), Brandão (2011), Pinheiro e Marinho (2012), Grillo (2015), Viana (2010), Lima (2013), Oliveira (2020) discutem histórico da literatura de cordel no Brasil e as principais características desse estilo poético. Para os estudos culturais trazemos as contribuições de Candau e Moreira (2013) Bonnici (1998), Bahaba (1998).

Este trabalho de pesquisa estrutura-se em seis capítulos, sendo que o capítulo “Formação de leitores: contribuições da literatura de cordel” está dividido em três seções: a primeira, busca discutir sobre práticas de leitura literária no Ensino Fundamental Anos Finais, trazendo reflexões e debates sobre práticas de ensino, leitura literária e as contribuições da literatura de cordel no processo de formação de leitores.

Na segunda seção, refletimos sobre “O cordel como objeto de ensino e de aprendizagem na Base Nacional Comum Curricular (BNCC,2018) e na sala de aula”, direcionado ao Ensino Fundamental Anos Finais.

Na última seção, trazemos reflexões e discussões de pesquisadores das áreas de Educação, Linguística e dos Novos Estudos Sobre Letramento para compreendermos melhor como ocorre a relação da literatura de cordel com esses temas, apontando a “Literatura de cordel como prática de letramentos de reexistência e cultural”.

No terceiro capítulo, “Literatura de cordel no Brasil: história e características”, apresentamos uma breve história sobre a literatura de cordel no Brasil, assim como as principais características desse estilo poético.

No capítulo quatro, o objetivo é apresentar os “Caminhos metodológicos” da pesquisa, detalhar o *locus* desse estudo (escola), os sujeitos da pesquisa (os estudantes) e o projeto de intervenção. Ressaltando que houve todo um levantamento diagnóstico para saber como foram as experiências de aprendizagem dos participantes no tocante ao objeto de pesquisa, e para que sucedesse o processo de intervenção.

O capítulo cinco “Análise do processo de ensino e de aprendizagem do cordel”, destina-se a relatar e descrever como ocorreu cada etapa das oficinas e analisar novas aprendizagens dos participantes no tocante ao conhecimento do cordel. Os resultados obtidos por meio da investigação serão apresentados no final desta etapa.

Por fim, o último capítulo apresenta as Considerações Finais que retomam algumas reflexões iniciais, propostas, desafios e as possíveis descobertas que possibilitam o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula.

2. FORMAÇÃO DE LEITORES: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE CORDEL

2.1 Práticas de leitura literária no Ensino Fundamental Anos Finais

As práticas de ensino de leitura literária que ocorrem em diversas escolas do nosso país, sejam no campo ou na cidade, podem ser entendidas a partir de diferentes concepções de leitura e de literatura. Geralmente, as práticas dos professores são orientadas por diretrizes dos sistemas de ensino e materiais didáticos, os quais trazem em si algumas concepções de práticas de linguagem e de literatura, outras vezes, os professores podem não ter plena consciência de que sua prática manifesta esta ou aquela perspectiva teórica.

É importante refletirmos sobre como as atividades de leitura literária são desenvolvidas no espaço escolar, neste estudo, trataremos do Ensino Fundamental Anos Finais. Nesta etapa de ensino, as práticas de leitura literária estão muito associadas à realização de atividades escolares, a leitura torna-se pretexto para o ensino de um componente curricular, privilegiando a função de instrumento para um fim alheio às características singulares do texto literário. De acordo com Zilberman (1991), a escola torna-se espaço divulgador de “textos”, considerados importantes para a elaboração das atividades proposta no planejamento da disciplina Língua Portuguesa, se torna objeto de alguma atividade de cunho linguístico/gramatical e/ou pretexto para se trabalhar características dos gêneros textuais. Para a autora, dificilmente, a escola apreende que o próprio ato de ler o texto literário já resulta em uma atividade.

Lajolo (1988) corrobora com esse pensamento quando critica a escolarização da leitura e da literatura e questiona o caráter técnico-instrumental, pautado em metodologias repetitivas que buscam apenas a otimização de procedimentos.

A escola com a incumbência de ensinar a ler e a escrever tem, por vezes, interpretado essa tarefa como um processo mecanicista de ensino-aprendizagem, que reduz a linguagem e a aquisição do conhecimento a assimilação de conteúdos tendo como objetivo final alguma estratégia de avaliação. Entretanto, práticas de leitura literária cujo objetivo seja fazer exercícios, provas, resumos, preencher fichas de leitura para cumprir tarefas escolares, não contribuem com a formação de leitores críticos e reflexivos.

Alguns docentes, organizam seu planejamento, visando explorar a literatura presente no Livro Didático de Língua Portuguesa – LDLP, por ser o principal instrumento pedagógico que os professores têm acesso no espaço escolar, dispõe de peso e influência no processo de ensino.

O livro didático costuma apresentar apenas fragmentos dos textos literários o que compromete a compreensão global da produção e a construção de sentidos por parte do leitor.

O livro didático exclui a interpretação e, com isso, exila o leitor. Propondo-se como autossuficiente, simboliza uma autoridade em tudo contrária à natureza da obra de ficção que, mesmo na sua autonomia, não sobrevive sem o diálogo que mantém com seu destinatário. E, enfim, o autoritarismo se apresenta de modo mais cabal, quando o livro didático se faz portador de normas linguísticas e cânone literário. Ou quando a interpretação se imobiliza em respostas fechadas, de escolha simples, promovidas por fichas de leitura, sendo o resultado destas a anulação da experiência pessoal e igualitária com o texto. (ZILBERMAN, 2009, p. 35)

Ao mencionar o autoritarismo apresentado pelo livro didático, a autora aponta as normas linguísticas e o cânone literário presentes nesse material didático, conhecimentos esses socialmente valorizados pela cultura hegemônica. Candau (2005) fala de uma educação de caráter monocultural e homogeneizador, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aulas, aos valores privilegiados, etc.

De acordo com Terra (2014, p. 29), “a escola, particularmente a pública, recebe alunos de todos os segmentos sociais, o que torna o perfil de nossos estudantes bastante heterogêneo.” Esses estudantes trazem consigo suas vivências, experiências adquiridas ao longo de suas vidas, enfim sua cultura, no entanto são silenciados ao chegarem na escola. Nesse sentido, é importante que se reconheça o fato de que “a leitura de mundo precede à leitura da palavra”, conforme postula o patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1989, p. 09).

No processo de leitura, a significação vai além do que está expresso linguisticamente na superfície do texto, o leitor vai construindo o sentido do texto, por meio dos conhecimentos prévios, inferências e conhecimentos linguísticos e textuais, numa atitude reflexiva e colaborativa. O leitor crítico e proficiente não apenas domina os códigos linguísticos como também consegue fazer associações entre o contexto do qual participa e o mundo representado no texto, assumindo um papel atuante. Dessa forma, a leitura para ser formativa é preciso ter a escuta desse leitor e os professores mais abertos ao diálogo e participando de processos de mediação de leitura.

Para os processos de mediação de leitura literária, é necessário que os professores também sejam leitores, tenham conhecimentos e histórias pra contar, precisam enxergar as múltiplas linguagens do literário, gostar minimamente dessa linguagem, reconhecer a sua

importância e atribuir valor a ela como uma linguagem que tem um potencial muito grande de formar leitores reflexivos, críticos e atuantes, cidadãos cientes de seu papel social e humano.

A leitura literária forma, pois, o indivíduo por meio de sua participação ativa e crítica ao concordar ou discordar com os pontos apresentados no texto, ao fazer inferências com seus saberes prévios, ao intertextualizar com outras produções ou formas de arte... Considerar a literatura como ferramenta para promover uma função pedagógica talvez seja reduzi-la a objeto barato, fato que não contribui no processo de formação e, conseqüentemente, pode afastar o educando do interesse pelos textos. O professor como figura principal no processo de mediação do aprendizado precisa reconhecer tais aspectos para promover o prazer pela leitura e atuar positivamente no desenvolvimento do leitor. (NASCIMENTO, 2019, p. 50).

Dessa forma, a leitura literária poderá ser trabalhada na perspectiva da imersão na leitura e na perspectiva discursiva. Proporcionar momentos de experiências prazerosas com a leitura, em que os estudantes saibam comentar emoções, reflitam sobre o que leem, e momentos de leitura na perspectiva discursiva, buscando compreender alguns aspectos da obra como autoria, tema, posicionamento do enunciador, contextos históricos, sociais e culturais. Bakhtin (2003) nos provoca para pensar a linguagem, o ensino, a literatura e o sujeito, pensar o sujeito que se constitui na linguagem, nessa alteridade com este outro que lhe dá a palavra, a produção de sentido que cada um faz, ao buscar compreender o enunciado produzido pelo outro que está à espera dessa atitude responsiva do leitor.

Entendemos o texto como atividade de comunicação e de interação humana, produzido multissemioticamente em situações concretas de interação social. Assim, o uso da linguagem e a produção de sentidos são situados sócio historicamente e ocorrem como práticas contextualizadas em universos socioculturais (BAKHTIN, 2003).

Pensar a formação leitora a partir de um tipo de literatura não elitizada é uma proposta desafiadora para nós professores, pois exige muitas reflexões sobre literatura que não estão no cânone tradicional, nessa perspectiva precisamos assumir uma postura política e epistêmica, fugir de uma abordagem generalizante da literatura, da concepção de que a literatura é constituída apenas pelas obras dos chamados grandes autores (cânone literário), e adentrar numa forma literária democrática em relação às obras apenas clássicas. Talvez a literatura de cordel possa romper um pouco com essa mentalidade conservadora e formal da escola; é uma outra literatura cuja a base é a oralidade.

Precisamos construir vias possíveis de inserção do texto não canônico, de trazer ele para a sala de aula, ler para o aluno, mostrar que nós temos outros tipos de literaturas, como a

literatura de cordel, literatura negra, indígenas, entre outras, cujo os textos nem sempre chegam à escola por questões “ideológicas”, hegemônicas e de preconceito.

Durante o período de dominação européia, quando mais de três quartos do mundo estavam submetidos a uma complexa rede ideológica de alteridade e inferioridade, os encontros coloniais deram um golpe duro à cultura indígena, considerada sem valor ou de extremo mau gosto diante da suposta superioridade da cultura germânica ou greco-romana. Portanto, o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil a padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista. (BONNICI, 1998, p.8)

É preciso refletir que o colonialismo e imperialismo deixaram um legado de desigualdades e injustiças sociais; para além disso, estudos sobre “A colonialidade do saber” nos revelam que “há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias”(Gonçalves, 2005, p.3), ou seja, é preciso compreendermos que existe uma diversidade epistêmica, que o pensamento está em todos os lugares onde os diferentes povos e suas culturas se desenvolveram, porém a visão eurocêntrica nos impede de ver isso.

A cultura brasileira, hoje, ainda apresenta essas relações de poder, quando as expressões culturais diferentes são vistas como inferiores, ou sofrem apagamentos. A literatura oficial do Brasil, entendida como literatura canônica, abdica de muitas produções oriundas de grupos sociais marginalizados como as populações negras, das mulheres, dos não-heterossexuais, dos nordestinos e camponeses entre outros, justificando não pertencerem as ‘ditas’ elites ou por apresentarem uma literatura menor - de valor estético inferior de acordo com os critérios estabelecidos por seu juízo de valores.

A definição de literatura não é algo objetivo e universal, mas sim algo cultural e histórico. Sabe também que as instâncias de legitimação selecionam o que deve ser considerado *Literatura*, definindo, por conseguinte, o que deve ser apresentado nas escolas como a produção nacional e ocidental, o que deve ser estudado, o que pode ser exigido em exames de seleção etc. (ABREU, 2006, p.109)

Terra (2014, p.26) corrobora com esse pensamento quando afirma que “o conceito de literário não é absoluto, variando de época para época, de cultura para cultura, de pessoa para pessoa.” O autor explica que aquilo que é legitimado pela crítica, pelos intelectuais, pela universidade, pela escola, como o conceito de literário, varia historicamente, ressalta que

algumas obras, hoje consideradas expoentes da literatura ocidental, já foram depreciadas e não reconhecidas como literárias.

É importante ressaltar que não estamos propondo que se abandone o estudo do texto canônico, mas sim que se garanta espaço para a diversidade de textos e de leituras, pois o leitor literário não lê apenas crônicas, romances, contos, poemas, ele lê literatura. Para Abreu (2006, P 112) “Não há obras boas e ruins em definitivo. O que há são escolhas – e o poder daqueles que as fazem. Literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política.”

A escola precisa ser repensada, reconstruída, ter olhos voltados para fora de si mesma, observar, o principal, as vozes dos sujeitos, suas memórias, identidades e diferenças, compreender o que eles pensam, seus desejos, inquietações, sua leitura do mundo. Pensar currículos e práticas pedagógicas que promovam todas essas questões. Estamos tão imbuídos numa visão ocidental que nos normatiza, nos oprime; temos dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença.

Para Moreira (2013) podemos sensibilizar nosso/a aluno/a para o caráter multicultural de nossa sociedade, para a urgência do respeito ao outro, para a percepção e para o questionamento dos fatores que têm provocado e justificado preconceitos e discriminações. Nessa direção, o autor discute certos princípios que podem ser úteis para o planejamento e o desenvolvimento de nossas práticas, entre eles, o de estimular o desenvolvimento de uma imagem positiva dos grupos subalternizados.

Não seria interessante que os/as alunos/as de outras regiões pudessem, por meio da literatura, da música, das artes plásticas e do cinema, conhecer um pouco mais o Nordeste e os nordestinos? O contato com a literatura de cordel, por exemplo, favoreceria a apreciação e a valorização da criatividade de um povo discriminado em centros urbanos do Sudeste e do Sul. Facilitaria a percepção de como essa expressiva literatura, de cunho popular, tem sido fonte na qual têm bebido inúmeros de nossos escritores, poetas, cineastas e teatrólogos consagrados. Para os próprios nordestinos, estaríamos propiciando a consolidação de uma autoimagem positiva. (MOREIRA, 2013, p. 48-49)

É muito importante que os estudantes saibam que o cordel inspirou muitas outras artes, como peças de teatros, a exemplo do *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, músicas, filmes, telenovelas, arte visual, todas essas formas de artes beberam na fonte do Cordel. Romances eruditos como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães; *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, entre outros, foram recontados por meio dos folhetos.

Sem dúvidas que alargar o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia pode ser um bom motivo para ler e para estudar literatura de cordel na perspectiva do letramento cultural. Nesse contexto, a leitura do cordel é ampla e social, pois traz uma reflexão acerca das características desse tipo de literatura, marcado pela oralidade, e das suas vozes sociais,

de sujeitos marginalizados historicamente. Tais vozes podem ser ouvidas e compartilhadas por meio da performance subjetiva do cordel.

Assim, sugerimos a exploração da riqueza estética do cordel em nossas práticas de leitura dos textos literários na escola. Essa aprendizagem dinâmica, que envolve a voz e o corpo, fortalece o poder da criatividade do leitor. Explorar essa performance, a partir da oralidade e das representações culturais, constitui-se em um processo de recepção subjetiva e criativa que desperta o interesse do jovem em compartilhar suas experiências de leitura de mundo. De acordo com Paul Zumthor (2007, p. 34), “a performance é o único modo vivo de comunicação poética”, ou seja, a presença ativa de um corpo, de um sujeito, na declamação de poemas, encenações, dá vida ao texto literário.

Corroborando com essa abordagem, Galvão 2010 chama a atenção para os estudos que valorizam a dimensão estética do objeto lido/ouvido. Essa valorização da camada sonora do texto é muito comum aos leitores habituados a práticas coletivas de leituras em que o papel do leitor era fortalecido pela peculiaridade de sua performance: “a beleza a que se referem os leitores das histórias associava-se ao caráter coletivo e à performance do leitor declamador que caracterizavam, em grande parte, essas práticas” (GALVÃO, 2010: 195).

Ao explorar o prazer da camada sonora do texto, estamos diante do encantamento próprio da arte. Para tanto, devemos nos deixar embriagar pela poesia oral, com seus versos e rimas que provocam encantamento aos seus ouvintes. Côncios de que “a oralidade não se reduz à ação da voz. Expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar” (Zumthor 2010: 217), ou seja, gesto, roupa, cenário e voz se projetam no lugar da performance, na qual a poesia oral se concretiza por meio das subjetividades do leitor coautor.

Os folhetos apresentam-se como uma forma de ler e de ouvir diferente de um texto convencional. Possuem um poder de atração que se expressa nas rimas, na musicalidade, na liberdade de pensamento. A poesia oral tem a magia de unir as pessoas, é uma escuta que pode ser percebida por meio dos risos, gargalhadas, aplausos, vaias etc.

Paulino (2010) lembra que as formas de circulação das canções líricas, satíricas ou de gestas, do quadro literário medieval eram também coletivas, congregando pessoas em festivas apresentações orais, em que os próprios apresentadores muitas vezes se uniam em jograis, grupos de cantores. A autora afirma que a literatura ocidental se afasta do caráter comunitário apenas na Modernidade.

Yunes (2015) lembra também que desde tempos imemoriais, grandes obras da linguagem, como obras de Shakespeare, foram ditadas para serem oralizadas em voz alta e escutadas, a autora reforça os poderes da linguagem falada.

Os poderes da linguagem falada deveriam lembra-nos de algumas fraquezas da linguagem escrita. A esta falta a expressividade primordial da palavra falada. Sabemos todos que a passagem do oral ao escrito o fixa e o conserva, dando-lhe certa estabilidade preciosa à história e à própria literatura. No entanto, enfraquece a comunicação com uma demanda de interpretação que o texto tem para com a vida, com o mundo que nos toca. De algum modo era o que estava na célebre visão de Paulo Freire, pois o mundo do texto só faz sentido se lhe aportamos algo do texto do mundo. (YUNES, 2015, p. 6)

Portanto, é preciso reconhecer o poder da oralidade e sua importância nas práticas de leitura literárias e promover experiências estéticas significativas com os estudantes. Pinheiro (2008, p. 16) afirma que “[...] levar a literatura de cordel para sala de aula não apenas como pretexto para estudar outras disciplinas, mas pelo seu valor estético, sua dimensão lúdica, seu apelo social e tantas marcas desta modalidade da cultura popular”. Deste modo, o educador mediará a experiência estética dos alunos por meio dos diferentes usos da linguagem.

É necessário também trabalhar com a literatura de cordel numa perspectiva crítica, não com a finalidade quase que exclusiva de se desenvolver alguma atividade de cunho linguístico/gramatical e/ou pretexto para se trabalhar características dos gêneros textuais. Assim contribuir com mudanças curriculares, pois as perspectivas teóricas que adotamos em nossas práticas docentes transformam o ensino.

2.2 O cordel como objeto de ensino e de aprendizagem na BNCC e na sala de aula

Refletir sobre práticas de leitura literária passa por compreendermos como são construídas as políticas educacionais e curriculares, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as diretrizes que norteiam competências e habilidades de aprendizagem. Neste estudo, analisamos como a Base apresenta o trabalho com a leitura literária no Ensino Fundamental Anos Finais, e o cordel como objeto de ensino e de aprendizagem.

A BNCC é definida como um documento de caráter normativo, que deverá ser aplicada na educação escolar. Busca apresentar, no modelo de competências e de habilidades, o que deve ser desenvolvido dentro de todas as escolas de Ensino Básico no Brasil.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo

aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018, p. 7).

Partindo para algumas questões da BNCC sobre o ensino de literatura é importante destacar que na organização interna do documento, no tocante a sua estrutura, a literatura volta a fazer parte do documento de Língua Portuguesa, como nos Parâmetros Curriculares Nacionais, no campo artístico-literário. Assim, o ensino de literatura deve ser realizado juntamente com o ensino da língua, fato esse que rende outra discussão, mas que não iremos aprofundar neste estudo, apenas mencionar que várias instâncias que discutem educação literária defendem que o ensino da literatura, desde os primeiros anos, deveria ser separado do ensino da língua materna.

O texto introdutório de Língua Portuguesa da Base Nacional Comum Curricular explicita a finalidade maior do componente:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BNCC, 2018, pp.65-66)

Dessa forma, ao componente curricular Língua Portuguesa, como dito em documento normativo da educação escolar, cabe proporcionar a ampliação dos letramentos estando claro a possibilidade do trabalho com o cordel como objeto de ensino e aprendizagem em sala de aula. No entanto, sabemos que a BNCC não descreve como isso deve ser feito (metodologias), cabe ao professor planejar atividades pedagógicas com os objetos de conhecimentos.

A BNCC (2018) apresenta dez competências gerais e dez específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental Anos Finais, de modo que cinco delas mencionam o trabalho com as práticas de leitura literária, escuta e produção de textos orais, e a valorização das manifestações artístico-culturais, de acordo com os pressupostos deste projeto, a saber: I- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem; III - Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo; IV - Compreender o fenômeno da variação

linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos; VII - Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias; IX - Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Na BNCC (2018) encontram-se ainda menções diretas ao gênero cordel em habilidades específicas de Língua Portuguesa, relacionadas ao Ensino Fundamental Anos Iniciais, nos seguintes estereótipos: (EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto; (EF03LP27) Recitar cordel e cantar repentes e emboladas, observando as rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia.

Quanto ao Ensino Fundamental Anos Finais podemos relacionar o cordel com as seguintes habilidades principais: (EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico- espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal; (EF67LP28) Ler e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, poemas, entre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores; (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Portanto, pudemos verificar que o cordel está presente em documentos oficiais da educação como a BNCC, assim como também é objeto de ensino em alguns Livros Didáticos de Língua Portuguesa, como o adotado nas redes municipais de São Domingos do Araguaia, no entanto a escola não utiliza a literatura de cordel com a frequência desejada. O professor, antes, precisa ser leitor dessa literatura e valorizar as manifestações artístico-culturais produzidas pelas classes minoritárias. Não se trata de hipervalorizar essas produções, mas de desenvolver trabalhos com mais afetividade e profundidade.

O trabalho com a literatura popular pressupõe essa “empatia sincera e prolongada” e, sobretudo, uma “relação amorosa”. Diria, também, uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder aprender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Não se trata, por outro lado, de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas de compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios específicos, para poder perceber sua dimensão universal. (MARINHO *et al.*, 2012, p. 125-126).

Todavia, é importante destacar que não se corrobora neste estudo com a ideia de não uso dos livros didáticos, apresentamos apenas novas possibilidades do trabalho com o cordel em sala de aula, para que se diversifique as ações educativas e se obtenha novos saberes. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa se guiará pelos pressupostos trazidos pela BNCC à sala de aula, pois ela aponta que cabe ao professor garantir a apropriação pelos alunos das práticas comunicativas presentes na sociedade, a partir de um trabalho progressivo e aprofundado com os gêneros orais e escritos.

O uso da obra literária em sala de aula não deve assegurar apenas um letramento escolar ou literário para fins pedagógicos, mas, sobretudo, para uma formação social, cultural e humanizadora. “O letramento literário pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, compreendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade” (ZAPPONE, 2008, p. 53). Assim, em diálogo com a definição apontada por Zappone (2008), o conceito de letramento literário não abraça apenas os textos valorizados pela tradição canônica, embora seja a mais valorizada no contexto escolar; outra importante reflexão é que as práticas de uso da escrita artística, considerando para isso o seu caráter ficcional, permeiam o convívio das pessoas e ultrapassam os limites da escola. Nesse sentido, o trabalho com o cordel vai além do letramento literário na sala de aula, constitui práticas de reexistência e cultural.

A escola ainda não deixa evidente para o aluno-leitor o real e necessário valor da leitura de textos literários para seu desenvolvimento enquanto ser que participa e transforma a realidade da qual faz parte. Assim, a literatura não pode ser vista com desprezo, pois toda forma artística tem saberes a contribuir. Mas ao não reconhecer sua importância e ao não sentir o “sabor” proveniente de sua leitura, o educando se sente desmotivado em dela fazer uso. (NASCIMENTO, 2019, P. 22).

É preciso esclarecer para o aluno-leitor o valor do texto literário, a função social, os objetivos da leitura e da aprendizagem, e sobretudo, motivar os estudantes a participarem de Rodas de leitura e de conversas para o desenvolvimento de um trabalho reflexivo e colaborativo

com a obra literária, enfim, promover um trabalho eficiente na formação leitora de forma que os estudantes percebam o quanto a arte é essencial à vida.

A literatura de cordel se mostra bastante relevante à percepção da riqueza e à pluralidade cultural brasileira, a valorização das manifestações artístico-culturais, de acordo com os pressupostos deste projeto, passa por levar esse tipo de literatura para a sala de aula em quaisquer regiões do nosso país.

Para o aluno das escolas do Nordeste, onde o cordel se sedimentou, o cordel é uma ferramenta de debate da identidade, levando ao aluno o contato com as suas raízes culturais. Aos alunos de outras regiões, principalmente naquelas em que o cordel é menos conhecido, a literatura de folhetos traz aos estudantes uma percepção de uma cultura riquíssima, patrocinando assim a pluralidade cultural. (LIMA, 2013, p. 138)

Portanto, o trabalho com a literatura de cordel na sala de aula faz parte de um currículo fundamentado no multiculturalismo. No entanto, “a escola, cada vez mais, se torna chão de diferentes culturas com as quais não sabe dialogar”, segundo Souza (2011.p.37)

Uma prática pedagógica que lança mão da literatura de Cordel apenas como fonte de informação (pesquisas sobre fatos históricos, sobre determinados personagens –Getúlio Vargas, padre Cicero, etc. –sobre fatos da linguagem), que retoma esta produção cultural apenas como objeto de observação, parece-me inadequada para a sala de aula –sobretudo para o Ensino Fundamental. Ela não consegue oportunizar um encontro com a experiência cultural que está ali representada e, de certo modo, como que esvazia o objeto estético. Um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o Cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo. (PINHEIRO, *et al.*,2012, p. 126).

Os folhetos podem ainda auxiliar o sujeito a organizar seu pensamento, analisar, justificar suas respostas e expressar-se, promovendo a independência, a autonomia e a cooperação. O cordel é um texto maravilhoso para o trabalho com crianças, jovens e adultos, pela sua linguagem, poesia do cotidiano, um universo temático, entre outros elementos.

2.3 Literatura de cordel como prática de letramentos de reexistência e cultural

Segundo Mortatti (2004) letramento é uma palavra recente em nosso país, começou a ser utilizada nos anos 80 por pesquisadores das áreas de Educação e Linguística, e a relação mais imediata de letramento ocorre com alfabetização, embora alfabetização não seja pré-requisito

para letramento, e processos educativos ocorram também em situações não-escolares, conforme ressalta a autora. É importante destacar também que muitos estudiosos ligados aos Novos Estudos do Letramento ¹NEL, já se debruçaram sobre o tema letramento e letramentos sociais, com diferentes abordagens, portanto o que nos propomos a discutir nesta seção, é algo que ainda gera dúvidas, pois segundo a estudiosa Paulino (2010, p. 405) “até hoje há ainda outras dimensões polêmicas envolvendo quais seriam os critérios de pluralização dos letramentos”. Dessa forma, desejamos apenas compreender melhor a diferença entre os termos e relacioná-los com a literatura de cordel no processo de formação de leitores.

Buscando compreender o sentido da palavra letramento a partir do estudo de Soares (2017) que explica o tema em três diferentes gêneros, com diferentes funções, objetivos e leitores, aqui trazemos o que é letramento em verbete:

É esse, pois o sentido que tem letramento, palavra que criamos traduzido “ao pé da letra” o inglês *literacy*: letra-, do latim *littera*, e o sufixo – mento, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em ferimento, resultado da ação de ferir). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2017, p.18).

A autora explica ainda que “alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando às práticas sociais que as demandam” (SOARES, 2017, p.19).

Historicamente a escola desconsiderou o uso social que os sujeitos fazem das práticas de letramento, pois continua pautada em “velhos” princípios e técnicas ao valorizar o sistema de escrita em detrimento as práticas de letramentos sociais, de acordo com Street (2014) são concepções dominantes de letramento construídas e reproduzidas de tal maneira a marginalizar as alternativas. Para o estudioso não há práticas de linguagens universais, logo deve se levar em consideração os diferentes espaços em que os sujeitos vão construindo suas identidades e ideologias e seus “Letramentos”.

Street argumenta, por meio de exemplos de pesquisas, que existem outros letramentos, além do dominante, que não estão relacionados à escolarização. Logo, ele defende o modelo ideológico, atrelado ao contexto sócio-histórico de práticas dos indivíduos em suas

¹ Os Novos Estudos do Letramento (do inglês *The New Literacy Studies*), doravante NEL, partem da crítica ao modelo cognitivo e autônomo de letramento, em que se concebe o letramento como um processo cognitivo individual, que independe do contexto social e histórico do indivíduo. Nessa concepção, acredita-se que o letramento é uma habilidade neutra e técnica e que sua aquisição é determinada tão somente pela capacidade metal e intelectual do indivíduo, de modo totalmente dissociado do contexto sócio-histórico-cultural de práticas que o situa. (CALETROSÓPIO, 2019, p.268).

comunidades, pois “aprender letramento” não é simplesmente adquirir conteúdo, mas aprender como um processo. O enfoque ideológico é, em nossa compreensão, um modelo que poderia ser adotado pela escola por privilegiar justamente a natureza social e cultural da linguagem. Este modelo, ao valorizar todas as práticas sociais que usam a escrita, bem como os seus respectivos contextos (de produção e recepção).

Nas palavras de Roxane Rojo:

O termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p. 98).

O letramento compreendido nessa perspectiva envolve as ações cotidianas dos sujeitos com a escrita e a leitura em todas as práticas sociais. Neste sentido, é inevitável não inserir na escola os múltiplos letramentos, ou seja, a “multiplicidade e variedade das práticas valorizadas ou não nas sociedades em geral” (ROJO, 2012, p. 13).

Souza (2011) corrobora com essa ideia:

Tais práticas de letramentos estão voltadas para a concretude da vida dos ativistas, relacionando-se às questões culturais e políticas e visando, de alguma maneira, ampliar suas possibilidades de inserção em um lugar de crítica, contestação e de subversão, no qual, como sujeitos de direitos e produtores de conhecimentos, possam forjar espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem. (SOUZA, 2011, p.17)

Dessa forma, para pensar em multiletramentos é preciso pensar também na multiplicidade de culturas. A concepção de que a literatura é constituída apenas pelas obras dos chamados grandes autores (cânone literário) tem um caráter excludente, diferentes culturas, múltiplas culturas, subsistem simultaneamente.

A Literatura de Cordel é uma produção cultural de um povo, expressa as identidades sociais dos envolvidos, portanto, nasceu em espaços não escolares, como práticas de letramentos sociais e culturais, ao adentrar na escola como meio de contribuição na formação de leitores críticos e reflexivos, precisa ser compreendida dentro dessa perspectiva. Esses sujeitos que produzem conhecimento pela dura experiência da pobreza, ausência de condições materiais e dignas de sobrevivência e pelo descaso do Estado, assustam os poderosos e a elite.

A presença desses sujeitos na escola possibilitou não somente a teoria de Paulo Freire, mas vários movimentos de renovação pedagógica, dando força aos movimentos sociais e setores progressistas que lutaram contra a ditadura e opressão capitalista. (CHACON, 2021, p. 147)

Sabemos que a expansão desenfreada do capitalismo aguçou as desigualdades sociais, em decorrência das diferenças econômicas que opõem nações ricas a pobres, e isso afeta mais gravemente as camadas assalariadas. Segundo Zilbermam:

No Brasil, a organização educacional reitera a segmentação, pois o ensino – idealmente, público e gratuito – é deficitário em todos os níveis: a infraestrutura física (salas de aula, bibliotecas, instalações sanitárias etc.) é precária e insuficiente, as pessoas responsáveis pela docência são mal remuneradas, alunos e alunas não são assistidos de modo satisfatórios. Ao descaso dos grupos dominantes e do Estado soma-se o desinteresse dos usuários do sistema público, pois suas demandas raramente são atendidas, resultando em um círculo vicioso de difícil superação. (ZILBERMAM, 2021, p. 9)

Tudo isso que a autora aponta reflete a estrutura desigual de nossa sociedade, na qual está inserida a escola pública, o aluno e o professor. “Por isso, as questões atinentes à educação, à literatura e à resistência não podem ser pensadas numa “bolha”, como uma realidade à parte desta conjuntura.” (DALVI, 2021, p. 22). Sabemos que educar é um ato político. Nesse sentido, as atividades pedagógicas, os textos selecionados para o trabalho em sala de aula, entre outras ações, são possibilidades de oposição a modos de opressão ou de silenciamentos, são formas de resistências.

É preciso pensar sobre o projeto de educação que defendemos, sobre que modelo de escola estamos ajudando a construir e, que “mundo” é esse que vivemos no Brasil atual? Com que realidades se deparam os sujeitos do campo, a população negra, indígena, quilombola, LGBT, as mulheres e os pobres que chegam às escolas e universidades?

A escola de hoje recebe diversas subjetividades inscritas nas histórias de vida de seus atores. No entanto, alguns valores e princípios nem sempre são pertinentes à valorização das diferenças. A situação desigual é realidade vivida por diferentes sujeitos, a depender dos aspectos identitários – classe, gênero, etnia, regionalidade, sexualidade, raça – que socialmente hierarquizam e inferiorizam determinados grupos. (SOUZA, 2011, p.44)

Para Chacon (2021, p. 147) “São esses sujeitos que inspiraram Paulo Freire e todos nós que acreditamos e lutamos por uma educação pública, laica, democrática e que reconhece a diversidade, a adotarmos posturas pedagógicas que recusem a educação bancária.” Uma educação que recuse também um currículo escolar único para o país, que impõe uma cultura privilegiada.

Segundo o estudioso Haurélio (2010, p 11), “a Literatura de Cordel, em mais de cem anos de existência, conheceu cumes e abismos. As trombetas fúnebres anunciaram seu fim no início

dos anos 1980”, porém ela continua viva e faz parte da cultura de sujeitos que produzem conhecimentos e participam de práticas sociais de linguagem, seja na modalidade escrita, oral ou imagética, mobilizadas em função de suas necessidades. Nesse sentido, a literatura de cordel se apresenta como prática de letramentos de reexistência e cultural, que busca ser reconhecida e explorada na escola.

Letramentos de reexistência aqui será a reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos de linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não. (SOUZA, 2011, p. 37)

Desse modo, os ativistas da poesia, grafite, música, dança, entre outras artes, desafiam de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada nos preconceitos, no racismo e nas discriminações. A visão eurocêntrica prevalecente na história oficial da educação no Brasil precisa ser problematizada e modificada.

Dependendo das condições de produção em que se dá a literatura de cordel, não é uma individualidade e sim uma coletividade que estar sendo representada, é um grito coletivo, muitas vezes denúncias sociais. Para Marcuschi (2008). Os gêneros discursivos permeiam nossa vida diária e organizam nossa comunicação. Segundo o estudioso, os gêneros textuais se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício do poder.

Ninguém fala só para exercitar as cordas vocais ou os tímpanos alheios. Na realidade, o meio em que o ser humano vive e no qual se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e contorno imediato, já que está envolto também por sua história e pela sociedade que o criou e pelos seus discursos (Marcuschi, 2008, p.162).

Quando falamos em elementos discursivos estamos falando de quem enuncia, qual é a base ideológica desse poema, por que essa literatura existe, pois o cordel é uma forma de dizer, às vezes, de forma lúdica, sobre as condições sociais de uma comunidade. Tomamos como base a concepção dialógica da linguagem, compreendida apenas nas instâncias sociais de uso, o que implica considerar o conteúdo ideológico nas enunciações, conforme formulações de Bakhtim e seu Círculo.

Os poetas mais representativos da Literatura Popular, como Patativa do Assaré e Leandro Gomes de Barros, usaram a linguagem e temas dos cordéis em defesa do seu povo em muitas de suas produções, entre elas o cordel “A seca do Ceará”, de Leandro Gomes de Barros.

A Seca do Ceará (Leandro Gomes de Barros)

Seca as terras as folhas caem,
Morre o gado sai o povo,
O vento varre a campina,
Rebenta a seca de novo;
Cinco, seis mil emigrantes
Flagelados retirantes
Vagam mendigando o pão,
Acabam-se os animais
Ficando limpo os currais
Onde houve a criação.

Fonte: <http://www.ablc.com.br/a-seca-do-ceara/> acesso: em 18/06/2023.

O flagelo da seca e suas consequências, especialmente para o nordestino, é o tema do cordel de Leandro de Barros, e também de poemas de Patativa do Assaré, explorado nesta pesquisa. Assim como a seca do Ceará outras questões sociais são abordadas nos folhetos de cordéis e em outras formas de linguagem como vídeos, *podcasts*, etc. O cordelista contemporâneo Tião Simpatia, declama o cordel Lei Maria da Penha, entre outros, em vídeos publicados nas redes sociais.

As formas poéticas do cordel e do repente nordestinos vão surgindo em novos estilos musicais, enriquecendo o rap, o rock, o hip hop, a MPB. Todas essas práticas de letramentos culturais e de reexistência estão voltadas para a concretude da vida dos ativistas e buscam formas de participação social, em um lugar de crítica, contestação e de subversão, compromissados com as transformações das relações sociais.

3. LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS

3.1 Aspectos históricos da Literatura de Cordel no Brasil

Sobre a origem da literatura de cordel há vários estudos que defendem diferentes hipóteses. A mais divulgada nos materiais didáticos-pedagógicos das escolas é a de que o cordel veio da Europa, tendo chegado ao Brasil a bordo das primeiras caravelas. Segundo Haurélio (2010, p.13), “É próprio do homem, em seu constante deslocamento geográfico, levar consigo, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, a sua cultura.” Corrobora com essa ideia sobre as origens europeias do cordel nordestino Câmara Cascudo:

O português emigrava com o seu mundo na memória. Trazia o lobisomem, a moura encantada, as três cidras do amor, a Maria Sabida, doce na morte, agra na vida, as andanças do Malazarte, todo o acervo de histórias, bruxas, fadas, assombrações, homem de sete dentaduras, moleque da carapuça vermelha, cabra-cabriola, gigantes, príncipes, castelos, tesouro enterrado, sonho de aviso, oração-forte, medo do escuro... E que lia ele? Lia e ouvia ler, mais seguramente, História da Imperatriz Porcina, Roberto do Diabo, Trovas de Bandarra, no século XVI. No século XVII, a *História da Donzela Teodora*, *História da Princesa Magalona*, *João de Calais*, a *História de Carlos Magno* e os *Doze Pares de França*. (CASCUDO, 1984, p. 170).

A literatura de cordel constitui parte importante da história literária do Brasil, tendo em vista que “é a poesia popular, herdada do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares), desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo Brasil pelas diásporas sertanejas.” (HAURÉLIO, 2010, p.16).

No Brasil o cordel é fruto da poesia popular em verso: As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de texto em verso denominados literatura de cordel. (MARINHO *et al.*, 2012, p.17).

O cordel recebeu contribuições de diferentes povos que tiveram papel de relevo na formação cultural brasileira: os portugueses, indígenas e africanos foram protagonistas desse processo. O português com a língua e o Cristianismo; os indígenas com as lendas e sua relação com a natureza; os negros com a forma como se relaciona com o sagrado e com a sua forma de contar história, etc. De forma que essas culturas foram importantes para moldar nosso cordel, dando a ele

uma forma bem brasileira, projetando em nossa literatura uma riqueza de histórias de lutas, heroísmo e milagres, religiosidade, lendas, comédias, enfim, narrativas que preenchiam o imaginário de todos.

Os folhetos de cordel funcionavam também como meio de divulgação de notícias, apresentavam fatos sociais e políticos do Brasil, como se fossem o jornal do povo, abordando acontecimentos como a migração, a corrupção na política, violência, entre outros temas.

Além dos poemas de amor, das narrativas tradicionais do romanceiro ibérico, os poetas se tornam observadores da vida social e dos costumes, traduzindo em versos a opinião pública sobre os acontecimentos que circulavam através da oralidade nas rodas de conversa e sob a forma impressa através dos jornais. (MELO, 2020, p. 117)

Dessa forma, o cordel brasileiro era uma importante fonte de informação oral e escrita, e os cordelistas poetas-repórteres por se utilizarem de folhetos para produzirem seus trabalhos e informar às pessoas que não tinham acesso ao jornal tradicional.

No Brasil, a tipografia só veio a ser instalada depois da chegada da Família Real, em 1808. Portanto, só se poderia em tese se falar sobre cordéis brasileiros a partir desta data, posto ser o cordel um texto escrito. Não obstante, pesquisadores defendem a existência de “cordéis orais”, muitos dos quais corriam também em cópias manuscritas. Prova de que existiam cordéis antes mesmo das impressoras serem instaladas no Brasil pode ser vista, por exemplo, no poema *O rabicho da Geralda*, publicado na íntegra por José de Alencar em *O nosso cancionero*, de 1874. A respeito desse poema, a propósito, informa o autor que, em criança, escutava-o na voz de pessoas que passavam pela sua casa, em Messejana, mostrando que o texto vinha do século XVIII. Sobre a importância desses textos em cordel que circulavam oralmente ou através de cópias manuscritas, afirma Melo que

A presença da poesia em versos nos periódicos das pequenas cidades e vilas no início do século XX contribuiu decisivamente para a formação de um público leitor. O fim da interdição à impressão de livros 1822 havia favorecido as condições técnicas graças às quais os poetas conseguiram transpor as narrativas da oralidade para o suporte do livro. (MELO, 2020, p.116)

Ao longo da história da literatura de cordel os processos de produção, circulação e recepção dos cordéis passaram por transformações. Os folhetos eram produzidos em tipografias de jornal, com o tempo passaram a ser impressos em tipografias dos próprios poetas.

A publicação de folhetos começou no final do século XIX, na Paraíba, onde alguns homens pobres e talentosos adquiriram prensas manuais de jornais que já não as usavam para fazer suas publicações. Com essas prensas, montaram

pequenas gráficas em suas casas, onde, junto com a mulher e os filhos, transformavam em folhetos os poemas que tinham composto. O trabalho era bem dividido: uns montavam os clichês, juntando as letras metálicas e formando os versos; outros prensavam essas formas sobre o papel; uns dobravam as folhas impressas em quatro, formando um folheto; outros colavam a capa. (ABREU, 2006.p.61).

Impressos em papel pardo, medindo cerca de 12 x 16 cm, com 8, 16, 24 ou 32 páginas, contendo ilustrações em xilogravura, os folhetos servem de suporte material para a Literatura de Cordel. ABREU (1999) destaca que o termo “literatura de cordel” nem sempre foi reconhecido pelos autores e consumidores nordestinos dessas produções, pois desde o início desta produção referiam-se a ela como “literatura de folhetos”, ou, simplesmente “folhetos”. Os estudiosos passaram a empregar a expressão “literatura de cordel nordestina” a partir da década de 1970, importando o termo português, e de acordo com a estudiosa, na mesma época, influenciaram os poetas populares a utilizar tal denominação. Também afirma Lima (2020):

Por não usarem barbantes
Pra venda do que criavam,
Os primeiros cordelistas
De “cordel” nunca chamavam
O poema popular.
Cabe, assim, aqui citar
Alguns dos nomes que usavam:
“Foiêto”, “livrim de feira”,
“Romance”, “abc”, “folhinha”,
“Livro de estória matuta”,
“Livro de antiga historinha”
“Estória do meu padim”,
“Arrecife”, “livrozim”...
É grande esta lista minha.

(LIMA, 2020, p. 8)

No Brasil, entretanto, nunca se vendeu Cordel em cordões, sendo dois os modos mais comuns de transporte e venda dos folhetos, principalmente no Nordeste: ou por meio da utilização de um pequeno saco de pano ou por meio de uma maleta. Ao chegarem às feiras ou em outro lugar de venda de seus produtos, os folheteiros, assim denominados os vendedores de Cordéis, ou colocavam os livros sobre o pano no chão ou no interior de maletas de madeira que, quando abertas, tornavam-se expositores práticos e fáceis de serem montados e desmontados. Esses dois expedientes tanto facilitavam o transporte quanto permitiam que os poetas rapidamente recolhessem os folhetos quando da chegada dos fiscais de feira.

Qual o cordel mais antigo já publicado no Brasil? Essa pergunta é de difícil resposta, e esta será provisória até que se encontrem novas informações. Por enquanto, se pode afirmar

que textos populares já eram publicados em nosso país nos primeiros anos após a implantação da Imprensa Régia, em 1808. Confirma isso o catálogo da livraria de Silva Serva, na Bahia, datado de 1811, apenas três anos após o início da tipografia no Brasil, portanto. Como informa o pesquisador Gilmar de Carvalho, nessa época já se publicavam obras como *Carlos Magno* e *Roberto do Diabo*, um pouco antes de *Verdadeira História da Princesa Magalona*, publicada em 1815. (Cf. CARVALHO, 1987, p. 34).

Em relação especificamente ao gênero cordel, Luna e Silva (2010) menciona um cordel de 1865 impresso em uma tipografia de Recife, o qual, conforme defende a autora, seria o cordel mais antigo cuja data de publicação se reconhece. Além desse, como afirmam Viana e Lima (2017), há os cordéis produzidos a partir de 1870 pelo poeta e rabequista potiguar Santatinha (1827-1883?).

Cabe destacar que, mesmo não tendo sido o primeiro a publicar cordéis, foi Leandro Gomes de Barros (1865-1918), poeta nascido na cidade de Pombal, estado da Paraíba, que recebeu o título como o “Pai do Cordel”. Esse merecido título deveu-se não apenas por ter sido Leandro o primeiro a viver exclusivamente da criação e venda de cordéis, como também pela excelência de sua obra, produziu mais de 600 folhetos de cordéis. Conforme afirma Melo (2020, p. 117), “Os poetas Leandro Gomes de Barros (1865-1918), Francisco das Chagas Batista (1882-1930) e João Martins de Athayde (1880-1959) foram os primeiros editores e autores da literatura de cordel a viverem exclusivamente dessa atividade”.

A venda dos folhetos se fazia nas ruas, feiras, festas, mercados públicos e por meio do correio. No início, o próprio autor se encarregava da venda, com o tempo, passaram a existir outros agentes editores, impressores e revendedores. Outras formas de recepção dos cordéis também surgiram: bancas, livrarias, Feiras Culturais e internet/redes sociais.

Com o surgimento de novas modalidades de texto literário, a partir do cinema, televisão, música, entre outras linguagens, e avanço da tecnologia, houve um alargamento dos suportes e o Cordel ganha asas, como explica alguns cordelistas, contrariando previsões pessimistas. Brandão (2011, p. 121) afirma que “o fato é que a literatura de cordel continua acompanhando as mudanças e inovações ao longo do tempo, incorporando alguns elementos novos e mantendo outros.” A estudiosa afirma também que o uso da informática na integração da produção de xilografuras, revela a versatilidade inerente a essa arte. Dessa forma, as tecnologias digitais e a internet potencializam a Literatura de Cordel, considerando-se que muitos cordelistas, atualmente, ocupam espaços nas redes sociais como lugares de divulgações das produções culturais e de resistência.

Outro importante momento para a literatura de cordel foi o seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do povo brasileiro em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, resultado de um longo processo que envolveu diversos agentes: poetas e suas entidades representativas, intelectuais, instituições de pesquisa e o próprio IPHAN.

A partir do momento em que os poetas consideram sua poesia como um patrimônio e não a descreve mais como uma simples tradição poética, eles estabelecem parcerias com órgãos culturais, quer sejam públicos ou privados, no sentido de organizar exposições, oficinas, palestras, publicações de folhetos, sejam individuais ou coletivas. Desde os anos 2000, o cordel investe cada vez mais os lugares da instituição cultural do país: centros culturais, bibliotecas escolares e públicas. (MELO, 2020, p. 98-99).

O reconhecimento do cordel brasileiro como patrimônio cultural do povo brasileiro abriu novos espaços para o conhecimento, produção, divulgação e comercialização dessa produção cultural. Ainda segundo a autora, “Ele aparece cada vez mais programado em eventos literários: feira do livro organizado pela CBL, prêmio literário (Prêmio Jabuti), encontros literários (Flip).” (MELO, 2020, p. 99). Desse modo, o referido gênero literário vem atingindo cada vez mais uma diversidade maior de leitores. Tratando-se do espaço escolar, porém, ainda são grandes os desafios enfrentados pelos poetas populares, tendo em vista que muitos professores da Educação Básica não trabalham ainda com o cordel nas aulas de leitura, dificultando, assim, o acesso de seus alunos ao fantástico universo do cordel. Ademais, as bibliotecas escolares, quando existem, nem sempre dispõem de acervos literários diversificados, deixando de incluir em suas estantes pelo menos algumas obras populares em verso.

Todavia, é importante destacar que o Governo Federal, através do Programa Nacional do Livro Literário (PNLD), tem selecionado alguns textos na categoria Cordel, sendo exemplo a obra *Shakespeare nas rimas do cordel*, de Stélio Torquato Lima, encontrada em algumas escolas públicas brasileira, em forma de “cordelivro”, escolhida Pelo PNLD Literário, 2018, para o Ensino Médio. No entanto, o número de exemplares que chegam até as unidades escolares é insuficiente, além de ser ainda deficiente a formação de professores para um trabalho efetivo com a mediação de leitura com obras dessa categoria.

Portanto, a literatura de cordel, enquanto Patrimônio Cultural Imaterial do povo brasileiro, precisa de maiores investimentos por parte dos governantes de nosso país com vistas a fomentar políticas públicas que valorizem essa que é uma das mais importantes manifestações da literatura popular brasileira.

3.2. Características do cordel

O cordel segue alguns princípios de composição poética como: rima, métrica e oração. Além de haver uma semelhança sonora, como em toda rima, e seguir o princípio da metrificação, as palavras rimadas devem manter uma relação de sentido. Os poetas chamam de oração aquilo que os eruditos chamam de coerência e coesão, ou seja, a articulação dos fatos, opiniões e ideias tanto do ponto de vista lógico quanto da articulação textual.

As características dos folhetos são definidas no período que vai desde o final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX. Leandro Gomes de Barros inicia a publicação de seus livros em 1893 e é seguido por Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde. Neste período também são estabelecidas as regras de composição e comercialização das obras e se constitui um público. (MARINHO *et al.*, 2012, p.22).

A maior parte dos poemas é composta por estrofes de seis versos de sete sílabas métricas, ou, para falar tecnicamente, por sextilhas com versos setissílabos (ou redondilha maior). São comuns também as estrofes com sete versos (setilhas) de sete sílabas. Quando se fizerem sextilhas, o segundo, o quarto e o sexto versos deverão rimar, ficando livres os demais. No caso das estrofes de sete versos o esquema é mais complicado: haverá uma rima no segundo, quarto e sétimo versos, e outra no quinto e sexto verso.

[...]

O cordel regras possui
Sendo gênero de poesia
Assim como a ode, a trova,
O soneto, a elegia.
Vejam, leitores leais:
Tendo 10 versos, jamais
Soneto a obra seria.

Da mesma forma, nem tudo
Que se diz cordel, o é.
Se não seguir suas regras,
Fica sem cabeça e pé.
Eu não sou nem um purista,
Porém cabe ao cordelista
Não remar contra a maré.

Porque, de fato, o cordel
Tem regras bem definidas:
Eis uma: os versos da obra
Possuem iguais medidas:
Conte as sílabas do primeiro;
Ficam, até o derradeiro,
As quantidades mantidas.

Sete sílabas têm em geral
 (A redondilha maior).
 Alguns utilizam cinco
 (A redondilha menor).
 E Há linhas decassílabas,
 Com dez poéticas sílabas
 (Regras pra saber de cor).

Com quatro tipos de estrofes
 São escritas as “folhinhas”:
 Com quatro versos, a quadra;
 A décima, com dez linhas;
 Com seis versos a sextilha,
 Com sete versos setilhas
 (Como nestas linhas minhas!)

Há somente uma exceção:
 Se o cordel for de peleja,
 Os gêneros da cantoria
 São dados numa bandeja
 Para seu a granel.
 É possível, em tal cordel,
 Que nova estrofe se veja.
 [...]

(LIMA, 2020. p. 9 -10)

As regras exigidas para composição de um bom poema não param aí. É preciso também saber fazer poesia, compreendida claramente entre os poetas como a beleza presente nas obras.

Obedecer a esses princípios, entretanto, não produz uma “história bonita”. O valor do poeta está na habilidade com que maneja essas regras, na destreza com que compõe e recompõe versos e narrativas calcadas em estruturas tradicionais. Beleza e compreensão: essas são as regras de um bom poema. (ABREU, 2006, p.70).

Segundo Oliveira (2020) os cordéis se distinguem, entre si, por aspectos temáticos e formas de apresentação dos conteúdos, gerando subgêneros ou modalidades, classificados como: ABCs, Biografias, Cangaço, Circunstância, Espertezas, Fantasias, Humor, Intempéries, Pelejas, Heroísmo, Romances. É importante ressaltar que o próprio cordel é apenas uma das modalidades da literatura popular, outras como o repente, o conto de tradição oral, o galope à beira-mar, entre tantas mais, faz parte das manifestações culturais do povo brasileiro.

Lampião, Maria Bonita, João Grilo, Padre Cícero, entre tantos outros, são alguns personagens que saltam das páginas da história ou emergem da Idade da Fábula para compor as narrativas do cordel brasileiro; encantando leitores e ouvintes e inspirando artistas.

A construção composicional do cordel segue sequências textuais, predominantemente, narrativas, com versos rimados. É um traço característico desse gênero, especificamente nos romances e contos, a presença constante dos elementos próprios da narrativa, como enredos, descrição de personagens, espaços, etc. Os textos narram ou descrevem a ação de um personagem que tenta encontrar a solução para um problema utilizando-se da astúcia e da inteligência, um herói que luta e sofre, mas que, ao final da narrativa, sempre sai vitorioso.

Em relação ao estilo o cordel é marcado pelo trabalho com a linguagem poética.

O uso de ambiguidade, simbolismo, ironia e outros elementos estilísticos da dicção poética, muitas vezes deixa um poema aberto a múltiplas interpretações. Da mesma forma, figuras de linguagem como metáfora, símile e metonímia criam uma ressonância entre imagens que, de outra forma, são díspares – uma sobreposição de significados, formando conexões antes não percebidas. Podem existir formas de ressonância entre os versos, em seus padrões de rima ou ritmo. (OLIVEIRA, 2020, p. 57).

O registro de linguagem é mais informal, pois a interação acontece em clima de conversa mais descontraída ou de cantoria, é um gênero que existe para ser declamado. A linguagem do cordel possui características que, em um conjunto, ao combinar palavras, sons e rimas, cadenciam um ritmo próprio da poesia popular.

O cordel recorre a mais de uma modalidade de linguagem (multimodal) ou a mais de um sistema de signos ou símbolos em sua composição (semiose). A arte do cordel é muitas vezes confundida com o próprio gênero, denomina-se de xilogravura, portanto, é multimodal, pois envolve textos não verbais em sua composição de sentido, como exemplo, a xilogravura e/ou outras formas de ilustrações. Podemos falar de multimodalidade também quando o texto escrito passa a assumir outros formatos para ser compartilhado nas redes sociais: digitados, digitalizados, imagens e sons como nos vídeos animados. Essas múltiplas linguagens presentes no gênero cordel possibilita que nossos alunos observem suas semelhanças, diferenças, compreendam processos de intertextualidade e construam sentidos nos atos de leituras, considerando os importantes fatores de textualidade. Muitas outras formas de artes utilizam a linguagem do cordel, como afirma Abreu (2006):

Não apenas as notícias são transformadas em versos; os poetas fazem o mesmo com filmes, telenovelas, peças teatrais e romances eruditos. Existem, por exemplo, folhetos que recontam *Iracema*, de José de Alencar; *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães; *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco; *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas; *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. (ABREU, 2006, p. 71).

No universo dos temas no cordel, há, ainda, casos em que os autores focam em repassar, da forma mais envolvente, a informação. É o caso das adaptações de clássicos da literatura. Na adaptação, o autor prende-se ao enredo, transpondo para a linguagem de cordel todos os acontecimentos da trama, respeitando o foco narrativo, nomes de personagens e espaço da obra original. Vejamos, nas imagens abaixo, algumas obras adaptadas.

Figura 01: Imagens de obras adaptadas com a linguagem do cordel

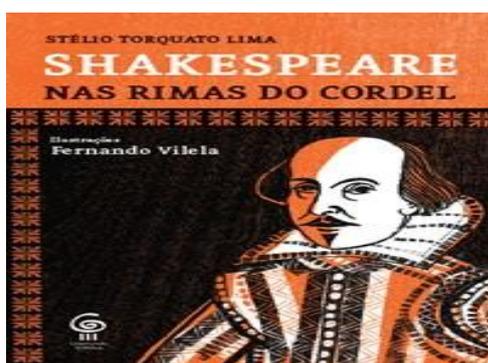


Fonte: GEVAC – UFC, 2022.

Promover o encontro da literatura de cordel com clássicos da literatura, possibilita ampliar o trabalho com as obras literárias. Cabe ressaltar que, as obras adaptadas na linguagem do cordel se encontram em diversos formatos: cordelivros, e folhetos, brochuras etc. A arte do cordel mais tradicional é a xilogravura.

Outro destaque é para a linguagem presente nas ilustrações das obras, como a de Fernando Vilela, conforme figura 02, feitas com xilogravura, pintura a nanquim e carimbos de borracha, na obra *Shakespeare nas rimas do cordel*, escolhida Pelo PNLD Literário, 2018, na categoria Cordel – Literatura Infantojuvenil, Ensino Médio.

Figura 02: Imagem da obra aprovada pelo PNLD 2018



Fonte: GEVAC – UFC, 2022

As ilustrações foram produzidas pelo próprio artista com ferramentas de xilogravura, inspirando-se nas vestimentas de época e em padrões decorativos de castelos. A linguagem poética no processo criativo do autor permite, por meio de estratégias de mediação de leitura, explorar a multissemiose e a multimodalidade dos textos para avançar, gradativamente, as camadas de leitura estimulando a percepção e possibilitando experiências de fruição poética.

É importante explorar todas as linguagens presentes nas obras (letras, cores, diagramação, disposição das palavras no papel etc), trabalhar semioticamente o texto, pois todos os elementos presentes na linguagem poética produzem sentido.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os caminhos metodológicos utilizados para a realização do projeto de intervenção, são processos que se situam entre a investigação acadêmica e a prática da sala de aula da professora-pesquisadora.

A presente pesquisa é de cunho qualitativa e se caracteriza como Pesquisa Participante (PP). “Assim sendo, a ideia de participação envolve a presença ativa dos pesquisadores e de certa população em um projeto comum de investigação que é ao mesmo tempo um processo educativo, produzido dentro da ação.” (HAGUETTE, 1971, p.162-163). Trata-se de uma proposta pedagógica interventiva para o ensino de Língua Portuguesa, cujo propósito é intervir junto aos estudantes, através de sondagens, coleta e geração de dados, análises e propostas didáticas. Para analisar os dados gerados o pesquisador precisa compreender esses fenômenos, utilizando, para isso, suas experiências, considerando as relações entre os sujeitos, inserindo a maneira mais concreta de intervir na realidade.

Segundo Haguete (1971), a Pesquisa Participante não tem definições claras nas ciências sociais, mas é perceptível que ela envolve um processo de investigação, de educação e de ação, o que permite diferenciá-la entre algumas concepções em termos de suas linhas de abordagem. Diante disso, ela tem sido mais caracterizada do que definida na literatura especializada.

A proposta e ação de intervenção segue um ciclo que se pauta nas ações de identificação do problema (investigação), planejamento de atividades pedagógicas (oficinas de leitura) avaliações de aprendizagem.

4.1. Caracterização do *locus* da pesquisa

A instituição onde a pesquisa foi aplicada está situada na zona rural do município de São Domingos do Araguaia – PA, na Vila Cristal. A Escola São Francisco é de médio porte, funciona nos três turnos e atende a estudantes do nível pré-escolar, ensino fundamental (anos iniciais e finais) e educação de jovens e adultos (EJA). Até o ano de 2019, antes da pandemia, a escola funcionava em uma casa alugada na vila com condições muito precárias. Algumas salas de aula funcionavam em corredores da casa, com o mínimo espaço possível para a realização de algumas atividades pedagógicas.

Figura 03: Mapa localização do município no Pará



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

Assim como a Escola São Francisco muitas outras escolas da zona rural são reflexos da ausência de políticas públicas para o desenvolvimento da educação básica no/do campo. Vivemos num país marcado por exclusões e desigualdades, em que a população que vive no campo também é vítima dessas condições de inferioridade. No entanto, os trabalhadores e trabalhadoras do campo, através de suas organizações e movimentos, buscam por melhores condições de vida, participam de lutas sociais.

Atualmente, a escola São Francisco funciona em novas instalações, localizada na mesma vila, atende cerca de 226 estudantes, sendo mantida pela Prefeitura Municipal de São Domingos do Araguaia, por intermédio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Figura 04 – EMEF São Francisco



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

Segundo o Projeto Político Pedagógico – PPP, formulado em 2022, a equipe escolar é formada pelos gestores (direção e coordenação pedagógica), tendo o apoio de três auxiliares de secretaria técnica escolar. O quadro de pessoal de apoio é composto por 13 (treze) pessoas, entre serventes, merendeiras e vigias, e o quadro de professores composto por 20 (vinte) docentes, entre eles concursados e contratados. Tendo a escola cerca de 38 profissionais.

Como parte da grade curricular básica, oferece aos alunos no turno regular as seguintes disciplinas distribuídas em aulas semanalmente: Língua Portuguesa (05), Matemática (05), Estudos Amazônicos (02), Ciências (02), História (02), Inglês (02), Geografia (03), Artes (02), Educação Física (02) e Ensino Religioso (01).

Em seu espaço físico, a escola conta com salas de aula, sala dos professores, secretaria, diretoria, sala de leitura, dois banheiros, uma cozinha e um refeitório. Em 2023, houve uma melhoria na infraestrutura das salas de aula, foram instaladas centrais de ar e trocada as portas que estavam danificadas. No entanto, a sala de leitura não tem um bom acervo literário e a sala de informática permanece sem equipamentos e funcionamento. Além do difícil acesso a *internet*.

Com o intuito de fortalecer o vínculo com as famílias, a escola realiza reuniões no início do ano letivo e bimestrais, quando necessárias, bem como promove eventos e atividades de natureza diversa, como palestras, Páscoa, Festa do Dia das Crianças, Noite Cultural, dentre outras.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, formulado em 2022, a educação está sendo compreendida em um sentido mais amplo, ou seja, enquanto prática social que se dá nas relações sociais que os homens estabelecem entre si. Assim, a escola no desempenho de sua função social de formadora de sujeitos históricos, precisa ser um espaço de sociabilidade que possibilite a construção e a socialização do conhecimento produzido.

4.2. Participantes da pesquisa

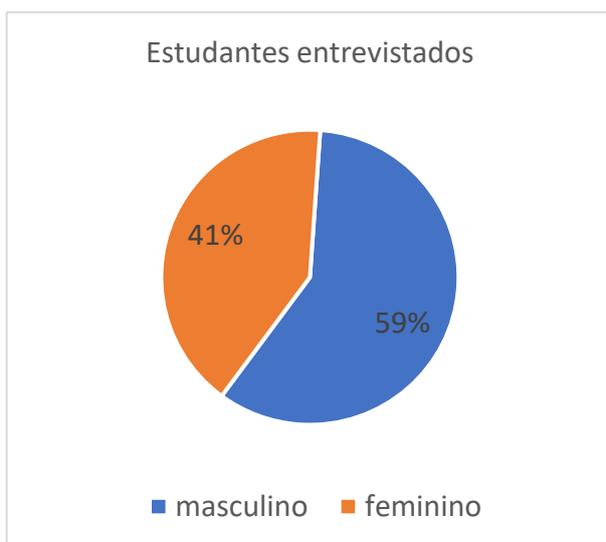
O público pesquisado é uma turma do 8º ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco, localizada no município de São Domingos do Araguaia -PA, zona rural, em uma Vila, conhecida inicialmente pelo nome Vila Edson da Brahma, devido ao seu processo de ocupação e atores sociais envolvidos, sendo atualmente reconhecida como Vila Cristal. Até o ano de 2019 funcionava em uma casa alugada, sem infraestrutura adequada, mas ainda assim, ofertando o ensino de educação infantil ao fundamental anos finais, aos filhos de trabalhadores rurais e outros estudantes das comunidades locais. No ano de 2020,

a escola passou a funcionar nas novas instalações, na modalidade do ensino remoto, devido ao contexto pandêmico. A escola São Francisco, como tantas outras da região Sudeste do Pará e amazônica, faz parte de um contexto de luta dos movimentos sociais do campo por território, educação e dignidade.

Segundo o PPP (2022), a Escola São Francisco acolhe a mais diversa gama de alunos, migrantes das mais variadas regiões do País, compondo assim uma diversidade social, cultural e econômica bastante expressiva, com certa predominância do Estado do Maranhão. A escola recebe alunos de outras localidades próximas e do município de São João do Araguaia que faz divisa com a vila a qual a escola está situada. A maior parte do público alvo possui um poder aquisitivo baixo, com agravante de que o município não oferece tantas condições para que os jovens ingressem no mercado de trabalho. O número de alunos da escola é de aproximadamente 226 alunos, com idade entre 3 a 70 anos de idade.

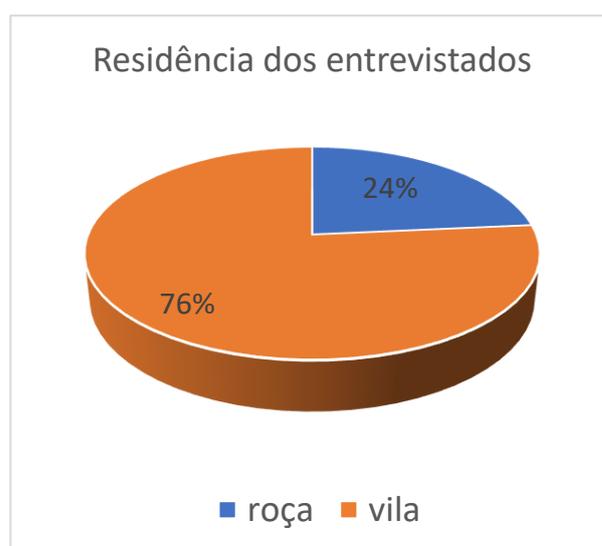
O universo da pesquisa constitui-se de 17 (dezessete) alunos regularmente matriculados no 8º ano do Ensino Fundamental, turno vespertino, sendo assim distribuídos: 07 (sete) meninas e 10 (dez) meninos. A turma conta com 13 (treze) alunos residentes na vila, os quais se deslocam a pé para a escola e 04 (quatro) que moram na comunidade Ubá, que denominam de roça, sendo estes últimos atendidos com o programa do transporte escolar.

Figura 05: Gráfico Estudantes Entrevistados



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

Figura 06: Gráfico residências entrevistados



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

A faixa etária dos discentes varia de 12 (doze) a 16 (dezesseis) anos. Os dados referentes à faixa etária dos alunos estão distribuídos no gráfico 07.

Figura 07: Gráfico faixa etária dos entrevistados

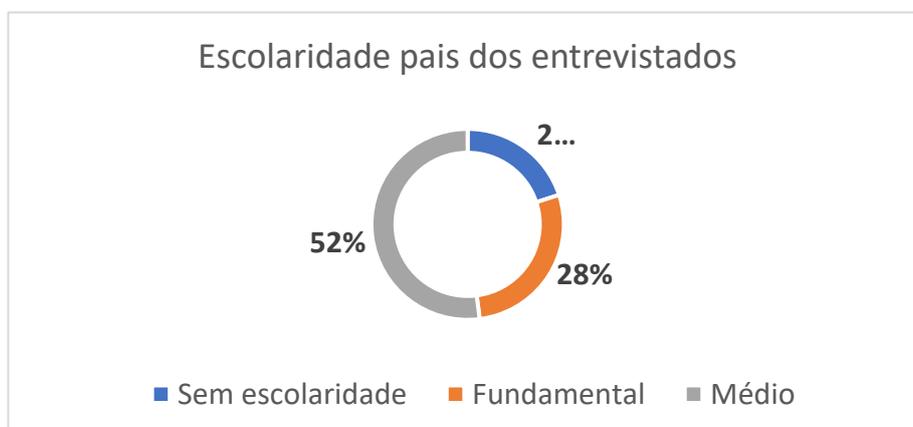


Fonte: autora da pesquisa (2022)

As informações acerca do nível de escolaridade dos pais dos alunos ou responsáveis apontam que os pais sem escolaridade ou com apenas o ensino fundamental representam 48%, ou seja, quase metade da turma tem pais com baixa escolaridade. Um pouco mais da metade da turma tem pais com Ensino Médio completo, 52%. Entre os pesquisados, ninguém declarou possuir ensino superior ou formação em cursos técnicos.

São famílias que se enquadram em uma margem de vulnerabilidade social. Para melhor visualização, esses dados constam no gráfico 08.

Figura 08: Gráfico escolaridade pais dos entrevistados



Fonte: autora da pesquisa (2022)

4.3. Proposta e ação pedagógica

4.3.1. A fase diagnóstica

Conforme Pinheiro (2012, p. 127), é bom sondar o “horizonte” de expectativas de nossos leitores, saber do que gostam, quais seus interesses mais imediatos, como encaram experiências diferentes das suas. No que diz respeito ao ambiente familiar, Marcushi (2000) também orienta que precisamos fazer indagações sobre o uso da leitura e da escrita em casa. Para o autor seja qual for a resposta, é necessário perceber fala e escrita como atividades comunicativas que representam o uso real da língua.

Pensando nessas questões levantadas pelos estudiosos acima, foi elaborado dois questionários: um para preenchimento do aluno e outro para preenchimento da família. Esses questionários foram aplicados antes da realização das oficinas. O questionário, direcionado aos alunos, foi aplicado em sala de aula pela professora-pesquisadora; o questionário, direcionado à família, foi aplicado pelo aluno, em sua casa.

Com base nas sondagens diagnósticas iniciais e no percurso teórico de leitura e da análise sobre o objeto de pesquisa, foram planejadas Oficinas Pedagógicas e selecionado e elaborado materiais para a ação interventiva, observando as exigências previstas pela BNCC. Vale ressaltar que não existe um currículo municipal em São Domingos do Araguaia para as escolas do campo e da cidade, até o presente momento, sendo os planos de ensino elaborados tendo como principal referência a Matriz Curricular do Estado do Pará e BNCC, conforme serão apresentados na seção a seguir.

4.3.2. A seleção/elaboração do material interventivo

Este estudo optou por trabalhar com diferentes obras e autores da literatura de cordel, a fim de apresentar diferentes composições poéticas e abordar assuntos extraídos da realidade que circunda o meio em que os participantes estão inseridos, não deixando de comentar sobre o vasto acervo de folhetos existentes e das diversas temáticas encontradas nessa literatura. Dessa forma, os textos selecionados para o desenvolvimento dos trabalhos trazem temáticas do contexto da Educação do Campo como terra, migração, Reforma Agrária, Meio Ambiente, conforme estão apresentados no abaixo:

Quadro 01: Textos de cordéis utilizados na ação interventiva

Textos	Autores
Vaca Estrela e Boi Fubá	Patativa do Assaré
Terra	Patativa do Assaré
O que é Literatura de Cordel?	Stélio Torquato
Reforma Agrária: Do latifúndio à diversidade	Rosiane Alves e Maria Raimunda
Meio Ambiente	Paulo Moura
Crianças que bicho é esse?	Costa Senna
Lenda da Boiuna	Adão Almeida
Lenda do Boto	Adão Almeida
Etnia	Costa Senna

Tivemos o cuidado em selecionar textos que não ferem os princípios fundamentais dos direitos humanos, não estimulem o preconceito, a violência, ou que falam sobre política partidária, religião e erotismo. O cordel dispõe de amplo leque de histórias que vão desde as narrativas fantásticas, até relato de fatos históricos. A opção pelas temáticas, apresentadas no quadro acima, também se explica por outros motivos que serão discutidos na seção “aplicação de oficinas pedagógicas”.

No trabalho com a leitura, com a escuta e com a compreensão de textos, além dos cordéis selecionados para este estudo, apresentamos outros textos como a música, a xilogravura (arte do cordel), glossários, biografias e também produções de vídeos do *Youtube*, possibilitando que alunas e alunos consigam ampliar as noções de leitura, de textos multimodais e de usos da linguagem.

O cordel está presente em outras construções discursivas como a letra da música “Pavão misterioso”, do cantor e compositor nordestino Ednardo, podemos citar também a música “Vaca Estrela e Boi Fubá”, cantada por Fagner e Luiz Gonzaga, entre tantas outras canções. Carlos Drummond de Andrade também recorre ao cordel com o poema “Caso do vestido” e com a crônica “Despedida de cordel”, vemos, portanto, inúmeros textos beber na fonte do cordel.

É importante destacar que os materiais impressos, utilizados na ação interventiva do projeto, foram baixados em *sites da internet*, são livros e folhetos de cordéis de autores nordestinos e da comunidade escolar.

4.3.3. A aplicação de oficinas de leitura

Foram realizadas 04 (quatro) Oficinas de Leitura com o objetivo de aproximar os estudantes da literatura de cordel. Como ação pedagógica que visa contribuir na formação de leitores, as Oficinas de Leitura buscam ser espaço no qual o estudante tem liberdade para pensar e participar de forma espontânea, percebendo o outro, questionando o mundo e suas relações, comprometendo-se com suas ideias e seus ideais. Paulo Freire (2014) fala da importância do diálogo quando afirma que não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão. São oficinas pensadas para os estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, no contexto da Educação do Campo.

Com o intuito de compartilhar esse planejamento elaboramos um Projeto de Leitura intitulado de “Projeto de leitura: a literatura de cordel na formação de leitores no Ensino Fundamental Anos Finais” que se encontra em anexo a esse trabalho. Os planejamentos apresentados no referido projeto são provocações aos professores, que devem adaptar as oficinas à sua realidade escolar, ao contexto das juventudes representadas em sua escola.

As oficinas são sugestões de um trabalho a ser realizado pelo professor que se sentir motivado a se apropriar dos conceitos fundamentais e de sua metodologia para desenvolvê-la. Portanto, não é algo estático, pronto e acabado.

A fase inicial do projeto de intervenção prevê um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos da produção cordeliana em estudo. Dessa forma, vários instrumentos são possíveis de verificar tais conhecimentos, optamos pela aplicação de questionário com perguntas abertas, como também rodas de conversas.

Investigar o que os alunos já sabem sobre um determinado objeto de estudo é imprescindível para elaborar futuras ações. Nesse sentido, planejamos as etapas seguintes: Sondagens; Oficina 1 - Leitura de textos multimodais (cordéis, xilogravura, música e vídeo); Oficina 2 - História e características da literatura de cordel; Oficina 3 - Aspectos estruturais do cordel; Oficinas 4 - Rodas de leitura e declamações de cordéis. Todas as etapas das oficinas interventivas estão detalhadas no Projeto de Leitura, apresentado nos anexos deste trabalho, e a descrição e análise dos resultados da ação pedagógica no capítulo cinco que trata da análise e processo de ensino e de aprendizagem.

Quanto ao procedimento de acompanhamento e avaliação serão mediadores, processuais e formativos, procurando despertar o conhecimento prévio dos alunos e verificar aprendizagens e dificuldades durante o projeto, por meio de processos autoavaliativos. Além disso,

promoveremos um evento cultural na escola para declamações de cordéis. Assim, os participantes do Projeto de Leitura compreenderão melhor o contexto de comunicação dessa prática de oralidade e escuta e terão a oportunidade de vivenciar uma experiência significativa com a literatura de cordel.

É fundamental destacar que foi possível fazer o registro da experiência de alguns encontros de leitura com o grupo por meio de fotografias – algumas serão expostas no capítulo 5, na descrição e análise do processo de ensino e aprendizagem do gênero em estudo. Sobre as informações prestadas nos questionários (entrevistas), estas serão apresentadas e discutidas considerando as respostas dos informantes na íntegra (as respostas mais pertinentes prestadas para gerar a discussão). Em contrapartida, em alguns momentos não foi possível transcrever de forma integral as considerações realizadas oralmente pelos participantes. Neste caso ficou sob a responsabilidade do pesquisador deste fazer o registro de tais comentários, descrevendo as observações mais relevantes feitas pelos educandos no decorrer do processo.

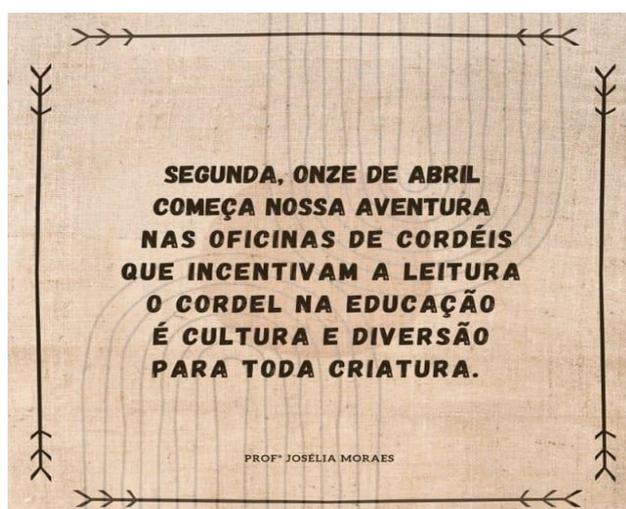
5. ANÁLISE DO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM DA LITERATURA DE CORDEL

5.1. Descrição e análise dos resultados da Oficina 1

Para o trabalho com a leitura literária são indispensáveis algumas condições, entre elas é que o professor seja um leitor, “um professor que não é capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará na prática, que a poesia vale a pena [...]” (PINHEIRO, 2007, p.26). O estudioso destaca também a condição de que haja sempre uma pesquisa sobre os interesses de nossos alunos. Dessa forma, iniciamos o trabalho de pesquisa com a sondagem sobre as experiências de leitura dos estudantes e comunidade escolar envolvidos no projeto de leitura.

Antes de iniciarmos a primeira Oficina de leitura foi confeccionado um cordelconvite e um vídeo a fim de motivar a participação dos alunos que estavam retomando às aulas presenciais, no município de São Domingos do Araguaia. Ambos foram enviados pelos grupos do WhatsApp aos estudantes que tinham acesso a celular e *internet*. Outro meio de circulação do convitecordel foi no mural da escola.

Figura 09: Cordelconvite



Fonte: Autora da pesquisa (2022).

Após a mobilização, iniciamos a realização das oficinas de leitura, em etapas:

Oficina 1 - Oficina de leitura com textos multimodais. Por meio de sondagem, nossos interlocutores são estimulados a falarem de suas experiências, leituras, histórias e convidados

a refletir sobre a noção de literatura de cordel, ao mesmo tempo que realizam leituras com diversos tipos de textos, que ampliarão a noção de leitura, pois utilizaremos textos escritos, músicas, vídeos e arte visual.

O primeiro encontro da Oficina de Leitura ocorreu no dia 11/04/2022, mês de retomada às aulas presenciais em que se observou um clima de alegria nos estudantes. O trabalho foi desenvolvido com uma turma do 8º ano, com faixa etária entre 13 e 16 anos, no espaço da sala de aula. Este momento contou com a presença de 17 estudantes.

Primeiramente, os participantes relataram sentimentos de alegrias e tristezas no contexto pós-pandemia. Foi utilizado dois *emojins* para registrar no quadro o que cada estudante ia dizendo, e ao final percebermos os sentimentos da turma e o autocuidado que cada um deverá ter com sua saúde física e emocional, conforme a oitava competência geral prevista na BNCC (2018, p.10). “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.”

Figura 10: Dinâmica de boas-vindas: voltas às aulas pós-pandemia.



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

Como podemos observar nas imagens acima, vários relatos sobre falta de cuidados físicos e reconhecimento de sentimentos e emoções como: doença, falta de exercícios físicos, falta de abraço, impossibilidade de visitar parentes e amigos, falta dos professores e colegas, entre outras.

Após a acolhida, prosseguiu-se com a leitura em voz alta do poema “Vaca Estrela e Boi Fubá”, do Patativa do Assaré, feito pela professora, e organizamos uma Roda de conversa para fazermos uma sondagem sobre o conhecimento prévio dos estudantes acerca da literatura de cordel, e posterior discussão do poema. Assim, para iniciar a discussão, os envolvidos foram convidados a refletir sobre os seguintes questionamentos:

- ✓ Você conhece o cordel?
- ✓ Já ouviu falar?
- ✓ Onde?

Assim, busca-se a materialidade da dimensão dialógica ancorada em Paulo Freire. O professor é o responsável por promover oportunidades de escuta por meio das Rodas de conversas.

Ao se depararem com as perguntas, nenhum aluno soube definir o que é cordel. Com a análise da primeira coleta de dados, tal resultado já era previsto por essa pesquisa, pois praticamente todos os entrevistados alegaram desconhecimento sobre a literatura de cordel.

É importante destacar que a situação descrita não aparece como etapa planejada na sequência das oficinas porque foi um trabalho de sondagem que ocorreu antes da primeira oficina, em que os estudantes puderam levar para casa questionários com perguntas sobre o cordel e outras questões de leitura e escrita.

Então, sem apresentar a respostas prosseguimos com novas perguntas sobre o poema:

- Que palavras te causaram estranhamento durante a leitura do texto? Por que elas foram escritas dessa forma?
- Do que trata o cordel?
- Quem conta a história? De que lugar ele fala?
- A seca foi a origem de constantes migrações de nordestinos para outros lugares de nosso país, como o personagem se sente na terra estranha? Em qual estrofe do poema ficamos sabendo dessa informação?
- Conhecem outras histórias parecidas com essa? Você e sua família já precisaram mudar de cidade em busca de melhores condições de vida?
- “A seca pertence ao império da natureza, mas pode ser resolvida pelo homem.”, declara Patativa do Assaré. Você concorda com ele?

Figura 11: Roda de conversa.



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

Assim, cada estudante pode participar, expondo seu ponto de vista sobre às questões levantadas pela professora. Alguns estudantes estranharam o fato de não precisarem fazer exercícios escritos no caderno sobre a interpretação do texto, mas gostaram da ideia da Roda de conversa.

Sobre a pergunta das palavras que causaram estranhamento no poema foram apontadas algumas pelos participantes, sendo registradas no quadro pela professora as seguintes: campeá, esturricô, sodade, aboiá, água dos óio . Ao serem questionados sobre o porquê das palavras estarem escritas daquela forma nenhum estudante relacionou com erro ortográfico, relataram que o modo de falar do povo da roça.

Essa relação entre oralidade, norma padrão e analfabetismo estão associadas também ao problema do preconceito linguístico que precisa ser fortemente combatido no espaço escolar. As marcas da oralidade presentes no cordel devem ser compreendidas como características de identidade e autoria, sem estereótipos ou como exercícios de adequação a norma culta. Levar os estudantes a refletir se há um enunciador no texto que se quer sertanejo, ou negro ou indígena.

Muitas vezes, em sala de aula, propomos atividades de reescrita de textos com marcas da oralidade para a norma padrão, como forma de adequação da linguagem, mesmo intencionalmente, estamos reforçando preconceitos linguísticos ao invés de demonstrar que as variedades linguísticas são as diferenças que os estudantes precisam compreender e não discriminar, pois representam a diversidade cultural de nosso país.

Essa falta de compreensão sobre as marcas da oralidade no cordel fez com que o próprio texto também fosse rejeitado para o trabalho em sala de aula, por ser considerado textos com erros gramaticais, associados a pessoas analfabetas, como esclarece o estudioso Lima (2013):

A presença da oralidade certamente ajuda a explicar por que o cordel esteve por tanto tempo afastado das salas de aula. É que, entendida como elemento de oposição à escrita, a oralidade esteve por muito tempo identificada com os analfabetos, ou seja, com quem não possuía as habilidades de ler e escrever. (LIMA, 2013, p.136)

Paul Zumthor defende que

É inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhe os traços que contrastam com a escrita. Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna (ZUMTHOR, 1995, p. 27).

Essa lacuna apontada por Zumthor, na qual se encontra a oralidade, também é discutida por Macurschi (2008) ao dizer que é interessante refletir sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso da vida diária ou nos contextos de formação escolar formal.

Outra questão importante esclarecida aos estudantes foi sobre o estilo poético do Patativa do Assaré, também conhecido como poeta plural. Algumas obras de Patativa são consideradas cordéis e outras, como o poema Vaca Estrela e Boi Fubá são poesia matuta ou poema matuto, assim chamados com a intenção de reafirmar a identidade do sujeito poético que se quer sertanejo.

De início, como destacado, trata-se de uma poesia, calcada na oralidade, constituindo o registro próximo da fala, ou seja, como uma variante, que se distancia da norma culta da Língua. Nela, assim, “o falar do sertanejo é acentuado, também, e, principalmente, na escrita, em que é reproduzida a fala “errada” do matuto” (NASCIMENTO, 2013, p. 3).

Partindo dessa compreensão, o trabalho com o cordel na formação dos leitores possibilita momentos de fruição no processo de leitura expressiva, performática, mas também reflexões críticas a respeito de quem enuncia, qual seu lugar de fala, que tema está sendo tratado, com qual intenção.

É necessário por parte do professor reflexões sobre narrativas estereotipadas para que saibamos lidar com as diferenças seja ela de cor, raça e cultura, como afirma Bhabha (1998, p. 117) “O que se nega ao sujeito colonial, tanto como colonizador quanto colonizado, é aquela forma de negação que dá acesso ao reconhecimento da diferença. Discursos estereotipados são negações das diferenças, identidades e formas de dominação de poder.

Outra questão que suscitou interessantes discussões foi sobre a necessidade de mudar de cidade em busca de melhores condições de vida, como a situação narrada pelo eu lírico. Alguns estudantes relacionaram essa questão como situações vividas por familiares e/ou vizinhos. Nesse sentido, é importante refletir que os textos trazidos para discussão em sala de aula devem servir de ponto de partida da realidade social em que se encontra o estudante.

Os temas debatidos nas rodas de conversa devem aproximar os estudantes de suas realidades, promovendo a reflexão crítica acerca do contexto em que vivem. Para isso o professor precisa se envolver com o cotidiano dos estudantes de maneira autêntica e sensível.

O questionamento sobre a seca se ela pode ser resolvida pelo homem, apesar de pertencer ao império da natureza, foi um momento de muito silêncio e dúvidas, porém um aluno pediu uso da palavra para expor seu ponto de vista. Como podemos observar abaixo.

A seca no sertão do Ceará tem sim como resolver. Como? Um exemplo: Dubai nos Emirados árabes. Lá praticamente é deserto sem acesso a água, pois eles cortaram, ou melhor, abriram uma passagem do rio até lá na cidade onde fica lá tudo, podemos ver que praticamente é tudo artificial com tecnologia avançada, entre outros, pois tem muita riqueza e para fazer essas coisas. Agora aqui no Brasil podia sim fazer só

que precisávamos de um pouco de interesse pelo nosso Ceará e pelos povos que habitam lá.

(Abinadabe, aluno do 8º ano A)

Após as interações, os estudantes são convidados a assistirem um vídeo sobre a biografia de Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré.

Em seguida, realizamos a Roda de conversa sobre o poema e o vídeo, cada aluno recebeu a letra da música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, e passamos a ouvi-la e cantá-la. Música já conhecida pelos estudantes, porém não haviam associado a temática e narrativa da música a outras formas de linguagem, como o poema do Patativa do Assaré.

Prosseguimos a discussão sobre diferentes usos da linguagem com a leitura de imagem. Foi utilizado o datashow para exibição da imagem da xilogravura “Os retirantes”, de J. Miguel. Novamente os estudantes são convidados a refletir sobre os seguintes questionamentos:

- O que aparece nessa imagem?
- O que essa imagem desperta em você?
- A imagem tem algo em comum com o poema e música estudados? Comente também em que aspectos se diferenciam.
- Você sabe que materiais e técnicas são utilizados nessa arte? Onde e como costumam circular as imagens produzidas por ela?

A interação foi muito boa em relação as três primeiras questões, porém a última que caracteriza a xilogravura, nenhum dos alunos soube responder. Como também já era esperado que os estudantes não conhecessem a xilogravura, já que não conheciam o cordel, foi selecionado um vídeo, previamente, para apresentação da xilogravura.

A literatura de cordel é uma produção cultural que trabalha com diversas linguagens, portanto é multimodal, pois envolve textos não verbais em sua composição de sentido, como exemplo, a xilogravura e/ou outras formas de ilustrações.

É importante lembrar que várias artes como músicas, teatro e obras literárias beberam na fonte do cordel. O próprio poema “Vaca Estrela e Boi Fubá” é cantado na voz de Luiz Gonzaga e Fagner.

Podemos apontar como resultados da Etapa 1 a participação dos alunos nas oficinas em termos de frequência, interações e escuta nas Rodas de conversas e uma aproximação maior da literatura de cordel, antes totalmente desconhecida pelos estudantes. De acordo com Pinheiro e Marinho (2012, p. 129), “É indispensável que o professor prepare bem a leitura do folheto, tendo em vista que as gerações mais jovens podem não ter convivência com a literatura de cordel”.

Como finalização de cada oficina o estudante recebia uma ficha de autoavaliação para que ele pudesse descrever o que aprendeu e o que ainda seria dúvidas a serem esclarecidas na oficina seguinte. Dessa forma, consideramos que o processo avaliativo permite uma análise complementar do processo de ensino e aprendizagem. Após a autoavaliação, como forma de encerramento de nosso encontro lemos o cordel com o título Terra, de autoria do Patativa do Assaré, discutindo brevemente com os participantes as impressões de leitura sobre o texto declamado. É retomada a reflexão de que a linguagem pode ser utilizada de diferentes formas e que a leitura é construção por parte do leitor, pois não existe leitura única.

5.2. Descrição e análise dos resultados da Oficina 2

- Oficina 2 - Oficina de leitura sobre Aspectos históricos e características do cordel. Nesta oficina, os interlocutores são convidados a conhecerem a história da literatura de cordel, seus aspectos históricos e socioculturais, assim como as principais características do cordel. O professor poderá convidar outros professores das áreas de história, geografia e ciências para planejamento e execução desta etapa do trabalho, realizando o ensino da literatura de cordel numa perspectiva interdisciplinar.
- Também é proposto, nesta etapa, um trabalho de pesquisa em que os alunos deverão sondar se existem cordelistas na sua cidade e comunidade local, para planejamento de Rodas de conversas e leituras com essas pessoas. Outra tarefa de investigação será a de autores e obras de literatura de cordel, através das redes sociais, a fim de ampliar o conhecimento do estudante sobre as manifestações artístico-culturais.

O segundo encontro da Oficina de Leitura ocorreu no mês de maio de 2023. Iniciamos o encontro com a dinâmica dos balões de apresentação dos participantes. O estudante era convidado a preencher algumas informações sobre si e colocar dentro de um balão. Depois todos soltavam os balões e os misturavam, de modo que cada participante faria a apresentação da informação que estaria dentro do balão recolhido. Neste encontro pudemos contar com a participação do professor de história da escola.

Foto 12: Dinâmica dos balões



Fonte: Autora da pesquisa (2022).

São muitas as possibilidades de se trabalhar com a história da literatura de cordel, optamos pelo trabalho com a leitura oral de um cordel metalinguístico cujo o título é O que é literatura de cordel? do cordelista Stélio Torquato. Utilizamos como estratégia de leitura a leitura oral feita pelos alunos do cordel com intervenções da professora entre as pausas das estrofes.

Organizamos cantinhos em sala de aula demonstrando as diferentes maneiras de exposição dos cordéis para venda, conforme é narrado na história da literatura de cordel: em malas, cordões e surrões (sacos de pano).

Figura 13: Formas de exposição de cordéis para venda



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

Após as discussões mais gerais sobre o histórico da literatura de cordel, foi apresentado aos estudantes dois cordéis históricos de criação de duas comunidades rurais do município de São João do Araguaia: Ponta de Pedra e 1º de Março, de autoria de Rosiane Alves e Maria Raimunda, moradoras da comunidade local, sendo a primeira, secretária da escola onde está sendo executado o projeto.

A experiência com a poesia oral está presente em toda comunidade, em qualquer região do país. Nesse sentido, é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Certamente há diferentes manifestações da poesia popular nas diferentes regiões. Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa da maior importância na formação leitora e cultural de nossos alunos. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 126-127)

Os estudiosos informam que o método de trabalho com o cordel deve ser capaz de promover o diálogo entre a cultura da qual ele faz parte e os participantes do processo educacional. É sempre bom sondar que experiências culturais existem no entorno da escola, porque constituem práticas de letramentos que precisam encontrar lugar na educação formal. Desse modo, fizemos uma Roda de leitura com um cordel de Rosiane Alves e Maria Raimunda com o título “Reforma Agrária: do latifúndio à diversidade”.

Figura 14: Roda de leitura



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

Oficina 3 – Aspectos estruturais do cordel. Nesta etapa, os estudantes foram convidados a se juntarem em grupos para trabalharmos com a leitura de forma lúdica, por meio de um jogo de rimas. Selecionamos o texto “Criança, que bicho é esse?”, de Costa Senna, para desenvolvermos a atividade pedagógica. Observe uma estrofe do poema cujo o último verso possui uma lacuna que precisará ser preenchida pelos membros dos grupos. O grupo ganhador poderá ser premiado. O professor deverá fazer a leitura oral e ao mesmo tempo anotar as pontuações dos grupos.

Criança, que bicho é esse?

É o maior roedor,
 É alta quando levanta;
 Vista como preguiçosa
 Ela só ronca, não canta.
 Seu nome dá apelido,
 Se tu não sabes, duvido!...
 O nome dela é?...
 [...]

É importante perceber que ao mesmo tempo que os estudantes se divertem com a leitura do cordel, aprendem o que é estrofe, versos, rimas, ou seja, estamos trabalhando com a estrutura do poema.

Figura 15: Trabalhos em grupos



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

Nesta etapa, além do jogo de rimas os estudantes são desafiados a realizarem alguns exercícios escritos sobre a composição poética dos cordéis, para isso recebem cópias das atividades. Os exercícios escritos podem ser resolvidos em grupos ou em pares.

5.4. Descrição e análise dos resultados das Oficinas 4 e 5 - Rodas de leitura e declamações de cordéis. Nesta quarta etapa, os alunos farão leituras e interpretações orais de cordéis, como também assistirão vídeo (s), cujo o objetivo é motivá-los à prática da oralidade, descobrindo que essa prática é diferente de acordo com a finalidade e situações de comunicação. Nesse sentido, é importante explicar o que é declamação, em que esferas sociais ela acontece, fazer leituras de poemas explorando recursos expressivos (pausas, entonação, ritmo), e conversar com os alunos sobre as impressões de leituras das obras selecionadas.

Na Oficina 4, nomeamos a Roda de Leitura de Cordéis do Norte, sendo feita a leitura na roda de alguns cordéis da II Antologia Cordéis do Norte, do Francisco Mendes. Sendo destacados dois cordéis para leitura oral: A Lenda da Boiuna e A Lenda do Boto, ambos do cordelista paraense Adão Almeida.

As estratégias de leitura utilizadas durante essa etapa do trabalho foi a leitura e interpretação oral dos textos pelos estudantes, com intervenções do professor levando o leitor a construir o sentido do texto, por meio dos conhecimentos prévios, inferências, numa atitude reflexiva e colaborativa.

Com efeito, o recurso à literatura pode desencadear com eficiência um novo pacto entre os estudantes e o texto, assim como entre o aluno e o professor. No primeiro caso, trata-se de estimular uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípuas ou cobranças ulteriores. Já que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual, cumpre deixar que este processo se viabilize na sua plenitude. Além disso, sendo toda a interpretação em princípio válida, porque oriunda da revelação do universo representado na obra, ela impede a fixação de uma verdade anterior e acabada, o que ratifica a expressão do aluno e desautoriza a certeza do professor. Com isso, desaparece a hierarquia rígida sobre a qual se apoia o sistema educativo, o que repercute em uma nova aliança, mais democrática, entre o docente e o discente. E com consequências relevantes, já que o aluno se torna coparticipante, e o professor, menos sobrecarregado e mais flexível para o diálogo. (ZILBERMAM, 2009, p. 35-36).

Configurando-se como instrumentos importantes de representação tanto da realidade cotidiana dos brasileiros quanto do imaginário popular, esses livretos rimados abrem uma possibilidade de quebrar o silêncio, mostrando as sociabilidades, os comportamentos, as formas de pensar, de compreender, de imaginar e de ver dos sujeitos sociais.

Na Oficina 5, os estudantes assistiram vídeos com crianças e adolescentes declamando cordéis, foram discutidas sugestões para ensaios individuais e coletivos, com dicas sobre tons e *performance* para tornar a declamação mais atraente.

O ensaio individual do cordel, ou seja, a prática da leitura oral, permite que o estudante leia mais rapidamente o texto e consiga interpretá-lo melhor. Pois conforme afirma Kleiman (2004) “O aluno que lê vagorosamente, sílaba por sílaba, terá dificuldades para lembrar o que estava no início da linha quando ele chegar ao fim.” A autora explica que se a palavra for a unidade reconhecida o aluno poderá ler mais rapidamente, conseguindo assim lembrar unidades passíveis de interpretação. Esse processo de ouvir e de repetir, no ensaio individual do cordel, é visto também como um modo de guardar a memória de um texto, de forma que o aluno consiga declamar o poema sem o apoio do registro escrito. Dessa forma, os estudantes se empenharam em ensaios individuais e coletivos, como também na produção de vídeos e áudios. As produções audiovisuais eram enviadas à professora, de forma espontâneas, em busca de auxílio e qualificação dos trabalhos.

Figura 16: Evento cultural e declamações de cordéis

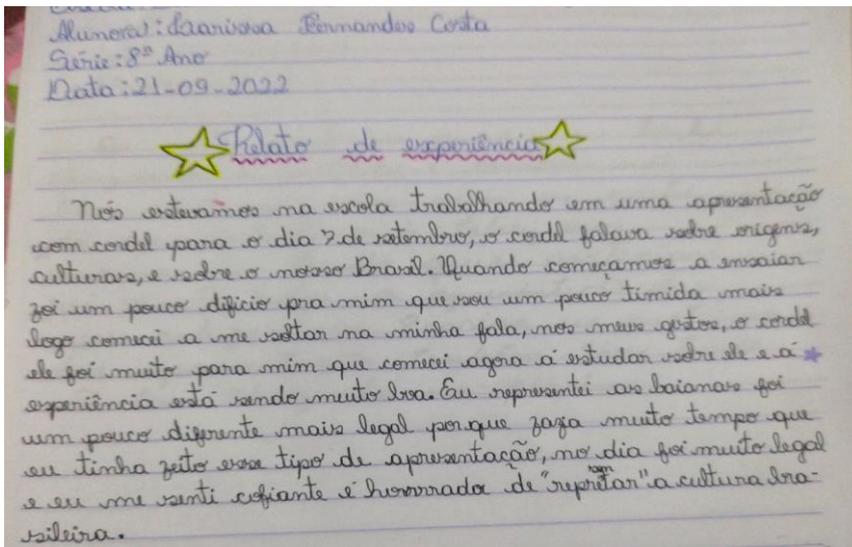


Fonte: autora da pesquisa (2022).

É importante destacar que o dia 7 de setembro faz parte das datas comemorativas de todas as escolas brasileiras em alusão a independência do Brasil. Muitas apresentações cívicas acontecem em vários municípios de nosso país nesse dia. Este ano o município de São Domingos do Araguaia escolheu como tema para as apresentações das escolas o Civismo, Cidadania e Multiculturalismo. A turma do 8º ano, representando a escola São Francisco escolheu declamar o cordel Etnia, de Costa Senna.

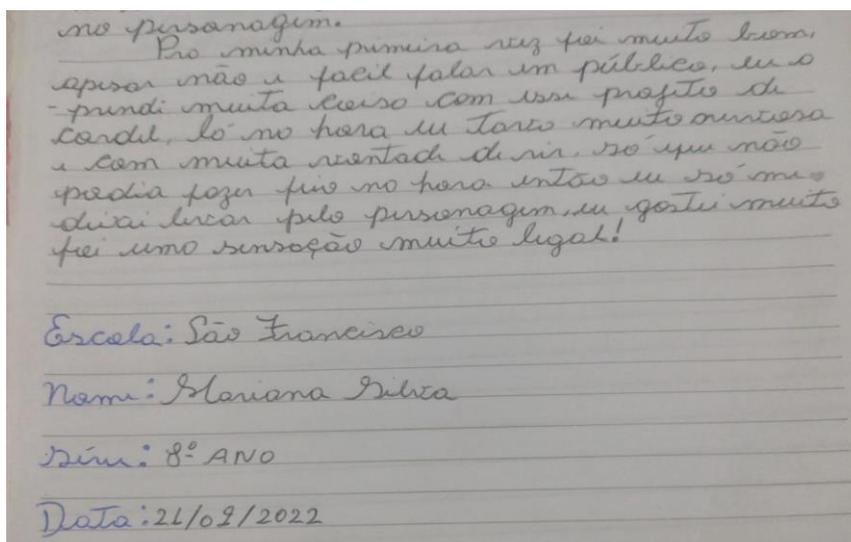
Após o evento foi solicitado que os estudantes produzissem um relato de experiência, sendo esse um importante instrumento de verificação do ensino-aprendizagem

Figura 17: Relato de experiência produzido pelo estudante



Fonte: autora da pesquisa (2022).

Figura 18: Relato de experiência produzido pelo estudante



Fonte: autora da pesquisa (2022).

Através dos relatos é possível perceber avanços na aprendizagem das alunas nas práticas de oralidade e conhecimento do cordel, conforme os trechos destacados:

“Quando começamos a ensaiar foi um pouco difícil pra mim que sou um pouco tímida, mas logo comecei a me soltar, na minha fala, nos meus gestos, o cordel foi muito pra mim que comecei agora a estudar sobre ele e a experiência está sendo muito boa. [...]” (Larissa, 8º ano)

“Pra minha primeira vez foi muito bom, apesar que não é fácil falar em público, eu aprendi muita coisa com esse projeto do cordel [...]” (Mariana, 8º ano)

Outro aspecto interessante dos relatos foi a expressão dos sentimentos e sensações diante do acontecimento, conforme trechos destacados:

“[...] faz muito tempo que eu tinha feito esse tipo de apresentação, no dia foi muito legal e eu me senti confiante e horada de representar a cultura brasileira.” (Larissa, 8º ano)

“[...] eu gostei muito, foi uma sensação muito legal.” (Mariana, 8º ano)

De todos os elementos, o mais essencial para a declamação é a emoção. E a oralidade possui um poder tremendo de emocionar. Como pudemos constatar nos relatos das estudantes acima, a participação na prática de oralidade despertou sentimentos e sensações em ambas, vale ressaltar que as duas estudantes, assim como outros, receberam muitos aplausos da plateia no momento da declamação do poema.

Os estudantes demonstraram muito protagonismo na organização do evento cultural no tocante aos ensaios e figurinos. Criaram um grupo do WhatsApp para trocarem informações sobre as roupas e acessórios que precisariam utilizar no evento, buscando opiniões e apoio. Se apresentaram com figurinos que representavam os povos brasileiros e regiões, compreendendo que todos esses elementos: corpo, voz, *performance* constroem o sentido do texto.

Refletindo acerca da *performance*, de acordo com Gomes (2021, p. 40), “partimos do pressuposto de que é na presença ativa de um corpo que a leitura poética ganha vida”. Corroborando com esse pensamento Paul Zumthor (2007, p. 34), “a *performance* é o único modo vivo de comunicação poética”. O termo vivo, utilizado pelo autor, tem sentido de eficácia, já que a presença ativa de um corpo qualifica o poético.

Ao final das oficinas de leitura percebemos uma boa recepção ao folheto por parte dos participantes do projeto, a empatia com as narrativas, a participação espontânea nas Rodas de conversas e de leituras

Ao eleger a literatura de cordel como objeto de estudo deste trabalho de pesquisa rememoro a relação afetiva desse gênero literário com a professora-pesquisadora. “Creio que sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente poderemos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia” (PINHEIRO, 2007, p. 26).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o percurso deste trabalho de pesquisa e projeto de intervenção pedagógica, o processo de ensino e de aprendizagem foi sendo construído no contexto da aprendizagem dialógica freiriana, buscando o engajamento dos estudantes, tal fato tornou-se bastante perceptível, sobretudo, na preparação e aplicação das oficinas interventivas. Para os estudiosos Marinho; Pinheiro (2012), o trabalho com a literatura de cordel pressupõe uma metodologia de ensino que preconiza a dialeticidade dos fatos educativos e sociais na prática pedagógica e supere a unilateralidade do processo educativo.

Este trabalho de pesquisa permitiu também, conforme seus objetivos, conhecer as práticas de letramentos culturais dos sujeitos da comunidade escolar, pois até na própria escola, *locus* da pesquisa, identificamos uma servidora que escreve cordéis. Como afirma Marinho; Pinheiro (2012, p.126) “Muitas vezes pode-se descobrir entre os funcionários da própria escola apreciadores da literatura popular, praticantes, ou, no mínimo, alguém que teve ou tem algum tipo de ligação com ela.” Nesse sentido, no trabalho com a literatura de cordel, houve o envolvimento afetivo com a cultura popular.

Nos tempos atuais é bastante reconhecida a crise da educação brasileira, e a leitura, que ocupa a base do ensino e da qual se espera tanto, soma-se a essa complexidade. A escola, como principal estrutura educacional, busca formar leitores, privilegiando competências curriculares para responder as demandas do mercado e da sociedade excludente do nosso país, assim, o projeto de educação não colabora para a transformação social.

Pensar a formação leitora a partir de um tipo de literatura não elitizada é uma proposta desafiadora, exige muitas reflexões sobre literatura, que não estão no campo da teoria literária tradicional. Nessa perspectiva, precisamos assumir uma postura política e epistêmica, fugir de uma abordagem generalizante da literatura, de caráter excludente, descolonizar os currículos. Talvez a literatura de cordel possa romper um pouco com essa mentalidade conservadora e formal da escola.

Trabalhar com o cordel na perspectiva do letramento social e cultural é valorizar todas as práticas sociais que usam a escrita, bem como os seus respectivos contextos de produção e recepção e compreender a natureza social e cultural da linguagem. Para pensar em multiletramentos na escola é preciso pensar também na multiplicidade de culturas, rejeitando a concepção de que a literatura é constituída apenas pelas obras dos chamados grandes autores (cânone literário). Compreendemos que as definições de literatura cabem a cada grupo social, no entanto, “o prestígio social dos intelectuais encarregados de definir *Literatura* faz que suas

ideias e seu gosto sejam tidos não como uma opinião, mas como a única verdade, como um padrão a ser seguido” (ABREU, 2006). Portanto, o preconceito com a literatura popular encontra justificativa na ideologia dominante.

A compreensão das formas por meio das quais a juventude, a cultura negra, as questões de gênero, os povos indígenas, enfim, as classes minoritárias são tratadas, de maneira invisibilizadas, discriminadas na sociedade, no cotidiano da escola e nos currículos pode ser um avanço e uma ruptura epistemológica no campo educacional.

É preciso que nossas aulas de literatura assumam o risco de ser um espaço de esperança, de aprofundamento crítico na realidade, de identificação entre seres humanos, de construção de redes de solidariedade e de reconhecimento de que podemos ser melhores, coletiva e individualmente, como humanidade. (MACEDO, 2021, p. 36)

Estamos tão imbuídos numa visão ocidental que nos normatiza, nos oprime. Esquecemos de observar, o principal, as vozes dos sujeitos, suas memórias, compreender o que eles pensam, seus desejos, inquietações, sua leitura do mundo. A literatura de cordel possibilita um trabalho rico com a oralidade e a escuta que extrapola a sala de aula.

Um projeto de leitura literária com foco em práticas de oralidade e escuta não tem como pretensão postular algum tipo de superioridade de alguma das duas modalidades, fala e escrita, pois de acordo com Marcushi (2007) “seria uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa.” No entanto, a escrita tem um lugar de prestígio na escola, sendo trabalhada exaustivamente, conforme as exigências de um sistema normativo da língua.

Podemos, então, deduzir que o dizer e a recitação oral têm um nível que muitos tendem a desprezar ou esquecer e que se constitui seguramente a primeira manifestação interpretativa do mundo na história, que se dá pela palavra falada. Muito do poder da literatura deriva do poder da oralidade. (Yunes, 2015, p. 6)

Além deste poder da oralidade, conforme afirma a autora, a fala é uma forma democrática de se viver a poesia, todos podem participar das práticas de letramentos. Vale destacar que a voz que declama a poesia pode ser plural, pois o cordel, muitas vezes, representa o grito de uma coletividade, como o poema Protesto, de Carlos de Assumpção, que tematiza a escravidão e seus efeitos deletérios no Brasil, conforme afirma Gomes (2021, p. 40) “O concerto enunciativo do poema, materializando o grito de protesto, configura o testemunho de vozes das vítimas de racismo. Assim é que o poeta torna audível a luta pela liberdade e dignidade dos negros.”

Com o advento de novos recursos tecnológicos, o folheto de cordel foi ganhando novos espaços, como as mídias digitais. São transformações que ocorrem nas sociedades e culturas,

mas que não substituem práticas que são inerentes ao ser humano, conforme esclarece Marcushi (2007).

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta da nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. (MARCUSHI, 2007, p.36)

O trabalho de pesquisa teve como grande propósito também sensibilizar e mobilizar ações pedagógicas com a literatura de cordel no cotidiano escolar, pois sempre foi alvo de preconceito nesse espaço por ser uma produção não canônica. No entanto, no *lôcus* dessa pesquisa, o cordel teve uma boa recepção pelos jovens leitores participantes desse projeto.

A literatura de cordel se insere nos debates de identidade nacional em 2018, com o reconhecimento pelo IPHAN como patrimônio cultural brasileiro. De acordo com Melo (2020), “No mundo moderno, o estudo da literatura como uma forma de expressão da cultura dos povos e de afirmação da nacionalidade atraiu o interesse de diversos sujeitos, grupos e instituições”. Sendo importante reiterar que o reconhecimento da literatura de cordel como patrimônio cultural brasileiro foi resultado de um longo processo que envolveu diversos agentes: poetas e suas entidades representativas, intelectuais, instituições de pesquisa e o próprio IPHAN. Diante do exposto, podemos falar em cordel brasileiro que precisa ser mais conhecido, valorizado e divulgado, assim como como as demais manifestações artísticas da cultura popular brasileira.

Finalizamos este trabalho com a compreensão de que o processo de pesquisa, ensino e de aprendizagem são indicotomizáveis, são práticas requeridas por dois momentos do ciclo gnosiológico, como diz Paulo Freire (1996, p. 28), “Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente.”

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.29)

Portanto, deve fazer parte da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. Foram muitas as contribuições teóricas de estudiosos do campo da linguagem, literatura e novos letramentos no processo de formação da professora-pesquisadora, indispensáveis para um trabalho de forma adequada e eficiente com os alunos.

É importante destacar também que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Nesse sentido, todas as ações do projeto de intervenção resultaram de muitas reflexões e discussões de temas relevantes acerca da realidade social dos participantes e de textos novos que possibilitaram experiências riquíssimas. Diversas estratégias de leituras foram utilizadas pelos leitores: visualizações, questionamentos, inferências etc, possibilitando a busca e descoberta de informações para a compreensão das obras literárias. Por fim, reiteramos que os planejamentos apresentados no projeto de leitura literária por meio da literatura de cordel são provocações aos professores, que devem adaptar as oficinas à sua realidade escolar e ao contexto das juventudes representadas em sua escola.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal:** introdução e tradução do russo Paulo Bezerra, prefácio à edição ... São Paulo : Martins Fontes, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M.K. **Escola e leitura.** São Paulo: Global, 2009.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1982. (Primeiros Passos).
- SOARES, M. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.
- STREET, Brian. **Letramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação / Brian V. Street; tradução Marcos Bagno.1ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento.** São Paulo: UNESP, 2004.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza. **Letramento literário e cordel:** o ensino de literatura por um novo olhar. 1 ed. Curitiba: Appris, 2019.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida. **Pedagogia da resistência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- GOMES, Daniel de Oliveira. **Poetas em tempos de resistência.** Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2021.
- MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e prática pedagógicas.** 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Global, 2006.
- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- ABREU, Márcia. **Cordel português/folhetos nordestinos:** confrontos: um estudo histórico-comparativo. 2v. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Campinas, SP: UNICAMP/Instituto de Estudos da Linguagem, 1993.
- HAURÉLIO, Marco. **Breve história da Literatura de cordel:** São Paulo: Claridade, 2010.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)**. Jundiá, Paco Editorial: 2015.

PAULINO, Graça. **Saramago na pedagogia: leitura literária e seu uso docente**. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p.404-416.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PINHEIRO, Hélder; MARINHO, Ana Cristina. **O Cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

VIANA, Arievaldo. **Acorda Cordel na Sala de Aula**. 2.ed.: Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

LIMA, Stélio Torquato. **O que é Literatura de Cordel (folheto)**. Fortaleza – CE: Rouxinol do Rinaré Edições, 2020.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. 1 ed, 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3.ed.:Campina Grande: Bagagem, 2007.

SENNA, Costa. **Cordéis que educam e transformam**. São Paulo: Global, 2012.

OLIVEIRA, Arusha Kelli Carvalho. **O cordel em sala de aula: sugestões didático - pedagógicas para o uso da literatura popular visando ao incremento da leitura**. Dissertação de Mestrado. Pacajus – CE, 2020.

SITES CONSULTADOS

<http://www.casaruibarbosa.gov.br> – **Fundação Casa de Rui Barbosa**.

<http://www.cnfcp.gov.br> – **Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular**.

<http://www.portaldocordel.com.br/downloads.html> - **Portal do Cordel**.

<http://www.ablc.com.br/> - **Academia Brasileira de Literatura de Cordel**.

ANEXOS

Projeto de Leitura: a Literatura de Cordel na formação de leitores do Ensino Fundamental Anos Finais

APRESENTAÇÃO

Este projeto apresenta propostas de atividades de leitura literária com a Literatura de Cordel e tem como principal objetivo contribuir na formação de leitores do Ensino Fundamental Anos Finais. Nessa etapa da escolarização a mediação de leitura, práticas de oralidade e escuta são fundamentais no processo de formação de leitores inexperientes. As sugestões metodológicas para o trabalho com os textos de cordéis são Oficinas de Leitura, Rodas de Conversa e Escuta Sensível, metodologias que buscam ser espaços nos quais o estudante tem liberdade para pensar e participar de forma espontânea, perceber o outro e o mundo que o cerca.

Os temas debatidos nas rodas de conversa devem aproximar os estudantes do contexto em que vivem, mas também de outros contextos, promovendo a reflexão crítica acerca das suas realidades e o conhecimento e valorização da diversidade cultural brasileira. Sendo importante ressaltar, que algumas temáticas deste projeto de leitura emergem do contexto da Educação do Campo, na perspectiva de uma educação popular ligada a concepção do patrono da educação brasileira Paulo Freire.

Outro aspecto importante a ser destacado sobre este projeto de leitura é que a Literatura de Cordel será abordada na perspectiva do letramento cultural, estudaremos alguns aspectos formais e estruturais desse tipo de Literatura, mas o propósito não é formar escritores, e sim jovens leitores que conheçam e valorizem a literatura popular e a diversidade cultural existente no seu país e, percebam a linguagem como forma de manifestação dessas diferentes culturas e identidades.

OBJETIVO GERAL:

- ✚ Buscar a diversidade das ações educativas trabalhando com a Literatura de Cordel na formação leitora de estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, na perspectiva do letramento cultural.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✚ Conhecer as práticas de letramentos sociais e culturais dos sujeitos da comunidade escolar;
- ✚ Aplicar oficinas de leitura e outras metodologias participativas com vistas a análise linguística e discursiva da Literatura de Cordel;
- ✚ Contribuir no desenvolvimento da escuta, oralidade e na formação de leitores críticos e reflexivos.

DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS



Como disse Paulo Freire,
 Um homem muito sabido:
 Educação e cultura
 Dão à vida mais sentido!
 E educar é libertar
 De uma vez o oprimido.

(Trecho de um cordel de Moreira de Acopiara)

Preparação:

Organize a sala em formato de círculo;
 Receba os participantes;
 Converse com os participantes sobre os objetivos do encontro.

OFICINA 1

Leitura de textos multimodais

Objetivos de aprendizagem:

- Explorar conhecimentos prévios sobre a Literatura de Cordel;
- Ampliar noção de leitura por meio do trabalho com textos multimodais.
- Possibilitar a interação autor-texto-leitor a partir da leitura de textos literários que retratam a vida do sertanejo, questões socioculturais; considerando suas condições de produção e os sujeitos envolvidos nas interações;
- Compreender as marcas de oralidade na Literatura de Cordel decorrente de uma escolha do autor pela identidade social.

Habilidades BNCC:

(EF69LP44), (EF67LP27), (EF69LP55), (EF67LP23)

TEMPO (2 aulas)	ATIVIDADE
30'	<p>Apresentação dos participantes e dos objetivos das oficinas de leituras.</p> <p>Dinâmica inicial: os estudantes devem se apresentar falando o nome e uma qualidade que trazem para o grupo.</p>
20'	<p>Sondagem / Roda de conversa: Você conhece o cordel? Já ouviu falar? Onde? Os participantes são estimulados a falarem de suas experiências, leituras, histórias e noções sobre a Literatura de Cordel.</p> <p>Se verificar que já conhecem alguns poemas de cordel ou outros tipos de poemas, peça que</p>

	<p>os registrem no papel para afixá-los em um mural organizado na sala de aula. Você também pode fazer um mural virtual, por meio da ferramenta Padlet.</p>
20'	<p>Escuta Sensível e Roda de conversa: leitura oral do poema “Vaca Estrela e Boi Fubá”, do Patativa do Assaré, pela professora, seguido de interação com os estudantes.</p> <p>Apresentação da biografia do autor.</p>
20'	<p>Leitura de textos multimodais:</p> <p>Ouvir música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga ;</p> <p>Ler xilogravura de J. Borges “Sertanejo”.</p> <p>Roda de conversa: Impressões, sensações, semelhanças e diferenças entre os textos poema, música e arte do cordel em estudo.</p>
10'	<p>Avaliações:</p> <p>Quanto ao procedimento de acompanhamento e avaliação serão mediadores, processuais e formativos, procurando despertar o conhecimento prévio dos alunos e verificar aprendizagens e dificuldades durante o projeto, através de processos autoavaliativos.</p>

RECURSOS

Datashow, quadro, pincéis, mural, caixa de som, internet, computador, celular e atividades impressas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

Documento Curricular do Estado do Pará: Educação Infantil e Ensino Fundamental. 2ª Edição. Pará. 2019.

SITES CONSULTADOS:

<http://vagalume.uol.com.br/fagner/vaca-estrela-e-boi-fuba.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=xOWaj8bjVHs>

<https://www.youtube.com/watch?v=nQm4uJn0090><https://www.youtube.com/watch?v=nQm4uJn0090>

<https://www.youtube.com/watch?v=1keje2hc0e4>

VACA ESTRELA E BOI FUBÁ

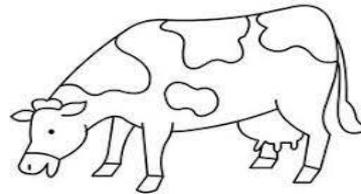
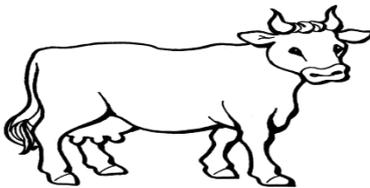
Patativa do Assaré

Seu doutô me dê licença
pra minha história contá,
Hoje eu tô na terra estranha,
E é bem triste o meu pená
Mas já fui muito feliz
vivendo no meu lugá.
Eu tinha cavalo bom,
Gostava de campeá.
E todo dia aboiava
na porteira do currá.
Ê, Vaca Estrela,
Ô, Boi Fubá.

Eu sou fio do Nordeste,
Não nego meu naturá.
Mas uma seca medonha
Me tangeu de lá pra cá.
Lá eu tinha o meu gadinho,
Não é bom nem imaginá.
Minha linda Vaca Estrela
E o meu belo Boi Fubá.
Quando era de tardezinha,
Eu começava a aboiá.
Ê, Vaca Estrela,
Ô, Boi Fubá.

Aquela seca medonha
Fez tudo se trapaiaá,
Não nasceu capim no campo
Para o gado sustenta.
O sertão esturricô,
Fez os açude secá.
Morreu minha Vaca Estrela,
Se acabou meu Boi Fubá.
Perdi tudo quanto tinha,
Nunca mais pude aboiá.
Ê, Vaca Estrela,
Ô, Boi Fubá.

Hoje nas terra do sul,
Longe do torrão natá,
Quando eu vejo em minha frente
Uma boiada passá,
As água corre dos óio,
Começo logo a chorá,
Lembro a minha Vaca Estrela
E o meu lindo Boi Fubá.
Com sodade do Nordeste,
Dá vontade de aboiá.
Ê, Vaca Estrela,
Ô, Boi Fubá.



<http://vagalume.uol.com.br/fagner/vaca-estrela-e-boi-fuba.html>, acessado em 26 out. 2021. Adaptado.

Glossário

Aboiava: guiava os bois cantando.

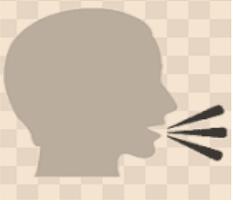
Açude: construção que represa águas para a agricultura ou para o abastecimento.

“Campeá” (campear): procurar animais no campo.

“Estorricô” (estorricou): secou muito, torrando ou quase queimando.

Tangeu: guiou.

Torrão: terra natal (onde nasceu).



Conversa com a turma:

- Que palavras te causaram estranhamento durante a leitura do texto? Por que elas foram escritas dessa forma?
- Do que trata o cordel?
- Quem conta a história? De que lugar ele fala?
- A seca foi a origem de constantes migrações de nordestinos para outros lugares de nosso país, como o personagem se sente na terra estranha? Em qual estrofe do poema ficamos sabendo dessa informação?
- Conhecem outras histórias parecidas com essa? Você e sua família já precisaram mudar de cidade em busca de melhores condições de vida?
- “A seca pertence ao império da natureza, mas pode ser resolvida pelo homem.”, declara Patativa do Assaré. Você concorda com ele?

Sobre o poeta

O poeta não é conhecido pelo nome, mas pelo pseudônimo, isto é, o nome que usa para assinar suas obras. Como você acha que surgiu esse apelido?

Quem foi **Antônio Gonçalves da Silva**, mais conhecido como **Patativa do Assaré**?

Nasceu em 1909, era cego de um olho desde os 4 anos de idade, aos 5 já fazia versos. Alfabetizou-se aos 12 anos, ficando apenas alguns meses na escola, foi considerado um autodidata. Morreu em 2002, aos 93 anos.

BELTRÃO, Eliana Lúcia Santos. Diálogo: língua portuguesa, 7º ano/Eliana Lúcia Santos Beltrão, Tereza Cristina S. Gordilho. – Ed. Renovada. – São Paulo: FTD, 2009 – (Coleção Diálogo).



Se quiser saber mais sobre a vida do poeta acesse o link abaixo.

<https://www.youtube.com/watch?v=xOWaj8bjVHs>

Vamos ouvir a música Asa Branca, de autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, grande compositores e cantores da Música Popular Brasileira – MPB. Acesse o link abaixo.

<https://www.youtube.com/watch?v=nQm4uJn0090>
<https://www.youtube.com/watch?v=nQm4uJn0090>

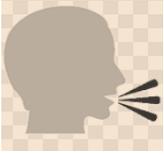


Conversa com a turma

- Você gosta de ouvir Música Popular Brasileira - MPB? Qual seu gosto musical?
- Luiz Gonzaga, assim como Patativa do Assaré, também era muito conhecido por um apelido, você sabe qual?
- Do que trata a música?
- A música e o cordel estudados têm semelhanças. Caso sim, em quais aspectos?

Observe a imagem abaixo.





Conversa com a turma

- O que aparece nessa imagem?
- O que essa imagem desperta em você?
- A imagem tem algo em comum com o poema e música estudados? Comente também em que aspectos se diferenciam.
- Você sabe que materiais e técnicas são utilizados nessa arte? Onde e como costumam circular as imagens produzidas por ela?

Saiba mais! Acesse o link:

<https://www.youtube.com/watch?v=1keje2hc0e4>

Saiba mais!!

Xilogravura é a arte de gravar em madeira. É uma técnica de impressão em que o desenho é entalhado com formão, faca ou buril em uma chapa de madeira que servirá de matriz, como um carimbo.

As capas desses folhetos – geralmente impressos em preto e branco – são ilustradas com fotos, desenhos ou xilogravuras, que é a sua forma histórica e tradicional. As xilogravuras servem para ilustrar e atrair os leitores.

AUTOAVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ Data: ___ / ___ / 2022

Tema da oficina: _____

O que eu aprendi na oficina de hoje?	O que eu ainda tenho dúvidas?

OFICINA 2

Aspectos históricos e características da Literatura de Cordel

Objetivos de aprendizagem:

- Conhecer alguns aspectos históricos e socioculturais da Literatura de Cordel, assim como aspectos formais e estruturais.
- Compreender o uso da metalinguagem por meio do cordel.

Habilidades BNCC:
(EF69LP44), (EF69LP48)

TEMPO (2 aulas)	ATIVIDADE
40'	<p>Leitura oral do texto 1 “O que é Literatura de Cordel” pelos estudantes, com intervenções da professora.</p> <p>Exposição das diferentes formas de comercialização dos cordéis ao longo da história (mala, surrão, cordões).</p>
50'	<p>Trabalho em grupo / jogo de rima animal:</p> <p>Estratégia de leitura e compreensão de aspectos formais do texto por meio de jogo de rima.</p> <p>O texto 2, Criança que bicho é esse?, deverá ser entregue de forma impressa para os grupos que deverão preencher as lacunas dos últimos versos das estrofes do poema com nomes de animais que rimem com os demais versos, conforme as regras do esquema de</p>

	rimas para estrofes de sete versos (setilhas). As regras deverão ser esclarecidas pela professora antes de iniciar o jogo.
10'	<p>Avaliações:</p> <p>Quanto ao procedimento de acompanhamento e avaliação serão mediadores, processuais e formativos, procurando despertar o conhecimento prévio dos alunos e verificar aprendizagens e dificuldades durante o projeto, através de processos autoavaliativos.</p>

RECURSOS

Atividades impressas, folhetos de cordéis e premiações para o (s) grupo (s) vencedor (es).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

Documento Curricular do Estado do Pará: Educação Infantil e Ensino Fundamental. 2ª Edição. Pará. 2019.

LIMA, Stélio Torquato. **O que é Literatura de Cordel** (folheto). Fortaleza – CE: Rouxinol do Rinaré Edições, 2020.

VIANNA, Arievaldo Lima. **Acorda cordel na sala de aula**. 2ª ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

SENNA, Costa. **Cordéis que educam e transformam**. São Paulo: Global, 2012.

O QUE É LITERATURA DE CORDEL?

Stélio Torquato Lima

[...]

Agora quero tratar
Das origens do cordel,
Questão que tem suscitado
Polêmicas, sim, a granel.
Sem entrar no mérito disso,
Cumpro este compromisso
De informar e ser fiel.

Com os colonizadores,
Chegou o gênero altaneiro.
E, com o tempo, o cordel
Transformou-se por inteiro,
Adaptando-se ao povo,
A um cenário bem novo,
Ao contexto brasileiro.

Na Europa, era cordel
Por ser em corda exibido.
Era melhor visto assim,
Ajudando a ser vendido.
Era assim, reforço eu,
No continente europeu,
Que fique bem entendido.

A forma de venda, assim,
O termo se referia.

Pois na forma e conteúdo,
Um padrão não existia:
Textos em prosa ou em verso
Com intuito bem diverso
Naquelas obras se via.

Histórias tradicionais,
Rezas, hagiografias,
Receitas usando ervas,
Populares poesias...
Tudo isso e muito mais
Se vendiam nos varais
Naqueles distantes dias.

Mas, aos poucos no Brasil,
Ele foi padronizado:
Ganhou regras, estrutura,
Foi muito modificado.
De modo comercial,
Virou gênero, afinal,
Como já foi destacado.

Pra que o cordel europeu
Tivesse transformações,
Tanto o índio quanto o negro
Deram contribuições
De indiscutível valia
Pro cordel ganhar, um dia,

Novas configurações.

Ora, as lendas dos sívcolas
 (Que são de grande beleza),
 A religiosidade,
 Seu saber da natureza
 E outros itens da cultura
 Deram à literatura
 Do povo grande beleza.

Da mesma forma, a cultura
 Que tem matriz africana
 Levaram ao nosso cordel
 Muita coisa bem bacana,
 Como a arte de narrar
 Dos griots, gente sem-par,
 Linguagem e fé soberana.

Uma primeira mudança
 Que no Brasil se operou
 Foi nas forma de vender
 O gênero que aqui chegou,
 Pois, em vez de usar barbante,
 O poeta itinerante
 Outros modos inventou.

Muitas vezes, viajando
 Para as cidades de trem,
 Precisava de uma forma
 Que facilitasse bem

Levar as obras pras feiras.
 Escolheu duas maneiras,
 Que eu informarei também.

O surrão foi o primeiro,
 Pondo no saco de pano
 As obras que venderia,
 Tal como era seu plano.
 Na feira, punha no chão,
 Sobre o citado surrão,
 Essas obras o fulano.

A segunda era uma mala
 Com o interior dividido
 Pra distribuir as obras
 Que ele havia trazido
 Para o público comprar.
 Uma estratégia exemplar
 Usava o homem sabido:

Na minha infância, inda vi
 Um vendedor de cordel
 Bater com vara na mala
 E gritar: “Vai, cascavel!”
 Curiosidade de sobra
 Levava à “mala da cobra”
 O público do menestrel.

Com muitos em volta dele,
 A mala, o poeta abria.

Deele tirava um cordel
 E, com vigor, com energia,
 Um trecho só recitava
 Do cordel que apresentava
 Para a plateia que ouvia.
 Usar o surrão e a mala
 Tinha uma vantagem a mais:
 Quando alguém gritava: “O Rapa!”,
 Por temer que os fiscais
 Levassem a mercadoria,
 Guardava na correria
 As obras, deixando os tais.

Chamavam-se folheteiros
 Os incríveis vendedores
 Que divulgavam os cordéis
 Aos potenciais leitores.
 Mestres na recitação,
 Com gestos e entonação,
 Davam ao texto mil cores.

Por não usarem barbantes
 Pra venda do que criavam,
 Os primeiros cordelistas
 De “cordel” nunca chamavam
 O poema popular.

Cabe, assim, aqui citar
 Alguns dos nomes que usavam:

“Foiêto”, “livrim de feira”,
 “Romance”, “abc”, “folhinha”,
 “Livro de estória matuta”,
 “Livro de antiga historinha”
 “Estória do meu padim”,
 “Arrecife”, “livrozim”...
 É grande esta lista minha.

Só pelos anos sessenta
 Do século XX, passado,
 Foi que nome de “cordel”
 Passou a ser adotado
 Pela força de Cantel,
 Que veio estudar cordel
 Em nosso país amado.

[...]

LIMA, Stélio Torquato. O que é Literatura de cordel?. Rouxinol do Rinaré Edições, Fortaleza, 2020.

Glossário

- **Hagiografia:** Relato da vida dos santos, geralmente repleto de histórias fantasiosas.
- **Lendas dos sivícolas:** Muitas histórias de origem indígena já foram transpostas para o cordel, como a lenda da mandioca, a criação da noite e a lenda do guaraná. Mais do que isso,

a relação do índio com a natureza serviu muitas vezes de espelho para os cordelistas escreverem obras.

- **Saber da natureza:** O conhecimento de ervas medicinais, a capacidade de se deslocar na floresta, etc. São saberes que os índios detêm e que foram bastante explorados na literatura de cordel.

- **Griot:** Figura importante na estrutura social da maioria dos países da África Ocidental, os quais, sendo ágrafos até a chegada dos colonizadores europeus, o tinham como guardião da tradição oral do povo, um especialista na genealogia e na história do seu povo.

- **Linguagem (afrodescendente):** Muitas palavras de origem africana aparecem no cordel. Mais do que isso, muito do “falar nordestino” presente no cordel deriva da maneira de como os escravos “suavizaram” a língua portuguesa, “corrompendo” o léxico para criarem termos como “passarim”, “meninu”, “leiti”, “nêgo”, “cumê”, “tá”, “tô”, “loco”, “cântaro”, etc.

- **Menestrel:** Na Idade Média, designava o artista da corte ou ambulante que, a serviço de senhores, recitava e cantava poemas em versos, frequentemente com acompanhamento instrumental. Por extensão, passou a designar qualquer poeta ou músico que divulga, cantando ou declamando, poemas ou músicas próprios ou alheios.

- **Rapa:** Designação popular para os fiscais e/ou policiais designados pelos prefeitos para apreenderem mercadorias de vendedores ambulantes não licenciados.

- **Cantel:** Trata-se de Raymond Cantel (1914-1986), importante pesquisador francês sobre a literatura popular brasileira.

Saiba mais!

A literatura de cordel já era encontrada em localidades do Nordeste brasileiro no final do século XIX, tanto no interior quanto em grandes centros urbanos. Nesse período, principalmente por conta da seca que assolava a região, grande parte da população – incluindo muitos poetas do cordel – viu-se obrigada a fugir numa tentativa de sobreviver às adversidades impostas (como fome e a pobreza), a espécie de “êxodo” ocorrida ao longo do século XX proporcionou a proliferação dos folhetos pelo país: é possível encontrar o cordel em regiões como a Bacia Amazônica, em grandes centros industriais como São Paulo e Rio de Janeiro, e até na capital, Brasília. Tem cordel espalhado pelo país inteiro.

A Literatura de Cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

O texto selecionado para trabalharmos nesta oficina é **Criança, que bicho é esse?** do poeta Costa Senna. O poeta é cearense de Fortaleza, também é cantor, compositor e humorista,

considerado um multiartista e um dos poetas pioneiros na utilização de temas ligados à educação na literatura de cordel.

A atividade proposta nesta etapa da oficina fará uso das setilhas, são estrofes de sete versos e sete sílabas. No padrão das setilhas, o primeiro verso e o terceiro não rimam, o segundo, o quarto e o sétimo rimam entre si. Por fim, também rimam o quinto e o sexto. As setilhas constituem um padrão métrico mais recente, marcado pela riqueza das rimas.

Figura 01: Capa de livro



Fonte: Livro Senna (2012)

CRIANÇA, QUE BICHO É ESSE?

É o maior roedor,
É alta quando levanta;
Vista como preguiçosa
Ela só ronca, não canta.
Seu nome dá apelido,
Se tu não sabes, duvido!...
O nome dela é?..._____.

Vive pelos oceanos
Lá onde mora a sereia,
Navegando pelas águas
Ela não se aperreia.
O mar é sua passarela
Ela é tão grande, tão bela...
Só pode ser a?..._____.

Não tem nela pé nem mão,
Há bicho que tem de sobra;
Se arrasta pelo chão
Fazendo qualquer manobra.
Come rato, sapo, rã,
Tem muitas no Butantã...
O nome dela é? ..._____.

Tira o “s”, põe o “p”,
O seu nome vira papo.
Sem o “sa” e com o “tra”
Esse bichinho é um trapo
Gosta muito de lagoa,
É tranquilo, numa boa...
Esse bicho é o?..._____.

É verde quanto a ramagem,
Anda nas árvores, no chão.
Tem vez que muda de cor
Para própria proteção.
Como esse bicho é chamado?
Me responda com cuidado, ...
Ele é o?..._____.

Esse outro vive entre nós
Em área nobre ou no morro
Em defesa do seu lar
Nunca dispensa um esporro
Odiado por ladrão
Querido pelo patrão
É o valente? _____.

Este aqui gosta de lama,
Suja tudo, fuça o chão,
Sua carne é saborosa,
Seja feijoada ou não,
Ronca se está comendo,
Ronca se está correndo...
Só pode ser o?..._____.

Este que pergunto agora
Rima com o astro sol,
A carapaça que leva
Lhe serve até de lençol
Que também é sua casa,
Não voa, não bate asa...

Chamamos de?..._____.

Quero que você me diga
E não cometa engano,
Como é que se chama a ave
Que não é o pelicano;
Voa alto sobre o chão
Com um colorido bicão...
Esta ave é o?..._____.

Este é mais esquisito
Que o bichinho pitu.
O seu nome é composto
Por dois “tês”, um “a”, um “u”
Coberto por casca dura
Essa estranha criatura...
É chamada de? ..._____.

Anda sempre em batalhão,
Parece não ter fadiga;
Dos donos de plantações
Às vezes é inimiga.
Ao contrário da cigarra
Só trabalha, não faz farra...
Vive assim sempre a?..._____.

Por ser ele muito alto,
Na mata se engarrafa.
Com seu pescoço comprido
Árvores ela alfafa
Sobre ele tenho dito
É um animal bonito
Que chamamos de?..._____.

Tem pelo muito macio,
E o rabo bem curtinho,
Sua orelha é grandona,
É mimoso e espertinho.
É da mata e da lavoura,
Gosta muito de cenoura...
Esse é o?..._____.

Esse que pergunto agora
Bem perto dele eu não chego
Pois de cabeça pra baixo
Dorme no maior sossego.
À noite vira vampiro,
No cinema lhe admiro...
Lhe chamamos de?..._____.

Quem é que anda pra trás
Em um perfeito manejo,
Vive pelos manguezais,
Nem conhece o azulejo,
Faz nos buracos da lama,
Sua casa e sua cama...
Esse é o?..._____.

Ele é o menor pássaro,
Mas um grande voador;
Todo multicolorido
Ele é mesmo um esplendor
Brilha igualmente um rubi
No seu nome tem um “i”
Este é o ..._____.

Aprende o nome do dono
 Seja: João, José ou Caio,
 Se você não responder
 Eu aqui não fico, saio!
 Tem as cores do Brasil
 É louro, verde e anil
 Chamamos de?..._____.

Das florestas e savanas
 Ele é o habitante,
 Suas sete toneladas
 O tornam mais elegante,
 Pra encurtar a charada
 Vive sempre em manada
 Esse é o?..._____.

É pequeno, malandrinho,
 É urbano e é rural
 Só falta entrar em casa
 Pulando pelo quintal,
 Começa a brincar cedinho.
 Quem é este passarinho?..
 Só pode ser o?..._____.

Couro pra bolsa, sapato,
 Cinto, carteira e boné;
 Mesmo vivendo na água,
 Não se pesca em jereré;
 Tem muitos no pantanal
 Quem será esse animal?
 É o bicho?..._____.

É navio do deserto
 Que não atraca no gelo

E os povos das areias
 Têm por ele muito zelo.
 Lá é muito importante
 Esse animal tão possante...
 Nós chamamos de?..._____.

Conhecido pelo canto,
 Quase assim: glu, glu, glu.
 É uma ave bem grande
 Bem maior que o nambu.
 Sinto por esse animal
 Sempre que chega o Natal
 Coitadinho do?..._____.

Qual o mais forte felino
 Que reina sobre esse chão?
 Se alimenta de carne
 E caça com precisão.
 Ele é um rei sem coroa
 Não me dê resposta à toa
 Esse se chama?..._____.

Ela simboliza a paz
 Não só para o que tomba
 Suas penas brancas pedem
 O fim de atômica bomba
 Ave pacificadora,
 Também grande voadora...
 É conhecida por?..._____.

Ele é pequenininho,
 É bonito e agitado
 Correu risco de extinção
 Mas já foi recuperado.

Me responda com carinho
 O nome do macaquinho...
 É?..._____.

Dá leite para crianças,
 A ração come de saca.
 E é um grande animal
 Muito maior que a paca
 Seu berro não é um urro
 Só não sabe quem for burro!...
 Estou falando da?..._____.

É uma ave vaidosa,
 Cheia de ostentação
 Sua calda até parece
 Um belo leque de mão.
 As penas desse animal
 Embelezam o carnaval...
 Só pode ser o?..._____.

Uma ave rapina
 Do tamanho do peru,
 Se alimenta dos mortos,
 Seja boi, jia ou tatu
 No reino da natureza
 Ele é quem faz a limpeza...
 Esse é o?..._____.

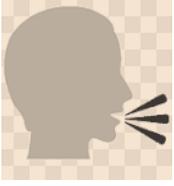
Quem é que tem sete vidas
 Conforme fala o boato?

É um animal doméstico
 Por isso a ele eu o acato
 Bem mais rápido que o zorro
 Inimigo do cachorro...
 Esse felino é o?..._____.

Está na Bíblia Sagrada,
 Este animal de quem falo.
 Tem quatro letras no nome
 E é fácil de domá-lo,
 Canta pra dizer a hora
 Se tu sabes, diga agora...
 Com certeza este é o?..._____.

Quem é que fica na água,
 Não é uma sanguessuga,
 Às vezes vai para a terra
 Toma sol e se enxuga;
 Não tem mãos, tem nadadeiras
 E nas terras brasileiras...
 O seu nome é?..._____.

Esse é bem mais feroz
 Que o próprio lobisomem,
 Mata plantas e animais
 E às vezes nem os come.
 É o único ser pensante
 Mas vacila a todo instante...
 Nós o chamamos de?..._____.



Conversa com a turma

- Junto com o seu professor conte quantos versos há no cordel que você acabou de ler?
- Que tipo de estrofe está presente em todo o cordel de Costa Senna?
- Que palavras rimam na primeira estrofe do cordel?
- Que figuras de linguagem aparecem na estrofe de número 27 do cordel?
- Você conhece todos esses bichos apresentados no poema? Cite os bichos que existem no lugar em que você vive.
- Entre os animais apresentados no poema existe algum em extinção? Quais, e você sabe por quê?
- Releia a última estrofe do cordel e explique qual a crítica presente no texto. Você concorda com o autor do texto?

AUTOAVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ Data: ___ / ___ / 2022

Tema da oficina: _____

O que eu aprendi na oficina de hoje?	O que eu ainda tenho dúvidas?

OFICINA 3

Aspectos estruturais da Literatura de Cordel – Módulo II

Objetivos de aprendizagem:

- Conhecer alguns aspectos formais e estruturais que caracterizam a Literatura de Cordel;
- Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem.
- Pesquisar e conhecer cordéis de autores locais e regionais.

Habilidades BNCC:

(EF69LP48), (EF67LP28), (EF67LP23)

TEMPO (2 aulas)	ATIVIDADE
30'	<p>Apresentar através de slides ou cartazes aspectos estruturais da Literatura de Cordel.</p> <p>Propor desafios aos estudantes: exercícios sobre rimas, com as regras de escansão, usando trechos de cordéis e quadrinhas populares.</p> <p>Analisar o uso de figuras de linguagem na construção de sentido do texto poético.</p> <p>Os estudantes poderão formar pares para resolução dos desafios/exercícios.</p> <p>Trabalho de pesquisa sobre poetas e cordelistas regionais e locais. Levar informações para oficina 4.</p>

	<p>Avaliações:</p> <p>Quanto ao procedimento de acompanhamento e avaliação serão mediadores, processuais e formativos, procurando despertar o conhecimento prévio dos alunos e verificar aprendizagens e dificuldades durante o projeto, através de processos autoavaliativos.</p>
--	---

RECURSOS

Nootebook, Datashow, atividades impressas, folhetos de cordéis e cartazes

REFERÊNCIAS

Bibliografia:

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

Documento Curricular do Estado do Pará: Educação Infantil e Ensino Fundamental. 2ª Edição. Pará. 2019.

VIANNA, Arievaldo Lima. Acorda cordel na sala de aula. 2ª ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

SITES CONSULTADOS:

<https://bityli.com/VWMuW>

Vamos conhecer algumas características da Literatura de Cordel?

A estrutura do Cordel é bastante exigente, seja lido ou cantado. O ritmo de seus versos são consequência da métrica utilizada em cada produção. O verso do Cordel é definido pela contagem de sílabas. Além disso, cada estrofe também deve ter um número preciso de versos. Entretanto, a sílaba contada segue o estilo poético.

OS VERSOS: denomina-se assim cada linha que compõe o poema, também conhecido como “pé”. Daí a expressão “pé quebrado”, que designa o verso mal metrificado.

Os versos possuem métrica (número de sílabas poéticas) fixa e presença de rima. Os versos mais populares são as sextilhas setessilábicas.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERSOS

1) VERSO AGUDO: é o que termina em palavra oxítona (ou monossílabo tônico).

Exemplo: Não gorjeiam como lá.

2) VERSO GRAVE: é o que termina em palavra paroxítona.

Exemplo: Minha terra tem palmeiras.

3) VERSO ESDRÚXULO: é o que termina em palavra proparoxítona.

Exemplo: Ele teme os relâmpagos.

OS TRÊS PRINCIPAIS FATORES DA VERSIFICAÇÃO

Os três principais fatores da versificação são a RIMA, a MÉTRICA e a ORAÇÃO.

1) RIMA: é a correspondência de sons, com palavras diferentes.

Exemplo: Papel/Cordel e Vento/Pensamento

2) MÉTRICA: é a medida (quantidade) de sílabas poéticas de cada linha (verso) do poema, contando-se apenas até a sílaba tônica da última palavra do verso.

Exemplo: Minha terra tem palmeiras = 7 sílabas poéticas
(Mi/nha/ter/ra/tem/pal/mei)

3) ORAÇÃO: é o apuro do conteúdo da mensagem, do desenvolvimento de um tema, levando-se em conta questões como a coerência, encadeamento, coordenação, precisão, objetividade, etc.

Exemplo: Eu gosto muito da vida/ A vida me dá prazer/ E quem não gosta da vida/ Não adianta viver

CLASSIFICAÇÃO DAS RIMAS

CLASSIFICAÇÃO 01: quanto ao GRAU DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS SONS

1)RIMAS CONSOANTES:são aquelas em que há absoluta correspondência entre os sons que se localizam da sílaba tônica ao final das palavras que rimam entre si.

Exemplo 01: Sabiá/Lá.

Exemplo 02: Povo/Novo.

Exemplo 03: Elástico/Fantástico.

2)RIMAS TOANTES: são aquelas em que somente há correspondência sonora entre as sílabas tônicas de cada palavra.

Exemplo 01: Palmeiras/Gorjeiam. Note que só há rima absoluta entre “mei” e “jei”

Exemplo 01: Pálida/Lágrima. Note que só há rima absoluta entre “pá” e “lá”

Observação:os cordelistas não trabalham com rimas toantes; utilizam apenas as rimas consoantes.

EXERCÍCIO SOBRE RIMAS

Desafio:encontre pelo menos duas rimas para cada uma das palavras a seguir:

01–Céu:

02–Caminho:

03–Pobre:

04–Chave:

05–Família:

06–Escola:

07–Escada:

08–Palhaço:

09–Escuro:

10–Janela:

A ESCANSÃO (CONTAGEM DE SÍLABAS POÉTICAS)

•REGRAS:

1ª Só se conta até a sílaba tônica da última palavra do verso.

Exemplo:Minha terra tem palmeiras = 7 sílabas poéticas
(Mi/nha/ter/ra/tem/pal/mei)

2ª Dependendo da forma como se recita a frase, pode ocorrer a fusão(união) entre a sílaba final de uma palavra e a sílaba inicial da palavra seguinte. Isso só ocorrerá se a sílaba final da palavra e a sílaba inicial da palavra seguinte terminar em vogal. Esse fenômeno tem o nome de ELISÃO.

Exemplo: Quando olhei a terra ardendo = Quan/doo/lhei/a/ter/ra ar/den

EXERCÍCIO SOBRE ESCANSÃO

Desafio: Faça a escansão (conte as sílabas poéticas) de cada linha do poema a seguir:

Batatinha quando nasce
Espalha a rama pelo chão
A menina quando dorme
Põe a mão no coração

ESTROFE: é um bloco de versos, o qual é separado de outra estrofe por um espaço em branco. As estrofes predominantes no cordel são as as quadras, as sextilhas, as setilhas e as décimas. A estrofe mais comum do cordel é a sextilha (seis versos), mas também são populares as quadras ou quartetos (quatro versos), as sétimas (sete versos), as oitavas (oito versos) e as décimas (estrofes com dez versos).

1) **Sextilha:** estrofe formada por seis versos. Em geral, só os versos pares (2º, 4º e 6º) rimam. Os versos ímpares (1º, 3º e 5º), por não apresentarem rimas, são chamados de **VERSOS ÓRFÃOS**. O esquema rímico, portanto, é ABCBDB.

Exemplo:

Cinco e quinze da manhã A
Do dia dois de agosto B
Do ano de oitenta e nove C
Houve um terrível desgosto B
De luto entrava o Nordeste D
Com pranto triste no rosto. B

(Cordel “A triste partida do Rei do Baião”, de Guaipuan Vieira)

Observação: Qual o metro (número de sílabas poéticas) mais utilizado pelos cordelistas?

Resposta: é a REDONDILHA MAIOR, assim chamado o verso que possui sete sílabas métricas. Pode também ser denominado de setissílabo ou heptassílabo.

No cordel, todos os versos de cada estrofe têm o mesmo tamanho. Assim, se o primeiro verso possuir sete sílabas métricas, por exemplo, todo o texto (Do primeiro ao último verso do cordel) terá o mesmo metro.

MUSICALIDADE

O cordel é produzido para ser declamado. O poeta “canta” seus versos em uma feira, com o objetivo de vender o folheto em que estão impressos.

FIGURAS DE LINGUAGEM

É muito comum, especialmente na linguagem literária, o uso das figuras de linguagem. Consiste em usar palavras com o sentido figurado, isto é, um sentido diferente daquele em que elas são empregadas normalmente.

Hora da pesquisa!



Na sua cidade ou comunidade tem alguém que escreve cordel? Vamos descobrir?

Pesquisem autores e obras de cordéis da comunidade local e de outros lugares do país, usem as redes sociais, acervos bibliográficos e conversas com pessoas mais experientes. Leve suas descobertas para roda de conversa da próxima oficina.

AUTOAVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ Data: ___ / ___ / 2022

Tema da oficina: _____

O que eu aprendi na oficina de hoje?	O que eu ainda tenho dúvidas?

OFICINA 4

Rodas de leituras – módulo I

Objetivos de aprendizagem:

- Ler poemas em voz alta explorando recursos expressivos como: pausas, entonação, ritmo, voz, corpo e performance.
- Compreender a função social do texto oral de acordo com a situação de comunicação.

Habilidades BNCC:

(EF67LP28)

TEMPO (2 aulas)	ATIVIDADE
90'	<p>Iniciar a Oficina 4 com roda de conversas sobre as pesquisas e descobertas dos estudantes acerca de cordéis e autores regionais e locais.</p> <p>Assistir vídeos de crianças e jovens declamando poemas, como estratégia de motivação à prática da oralidade, e conversar sobre a situação de comunicação em torno do texto apresentado nos vídeos.</p> <p>Dar sugestões sobre aspectos importantes da declamação como: entonação, expressão facial, movimento das mãos etc.</p> <p>Planejar com os alunos o segundo módulo desta etapa da oficina, que será um momento apenas para declamações de cordéis.</p> <p>Propor cordéis para as declamações, ensaio individual e gravação de áudios para</p>

10'	<p>observação do próprio comportamento. Podendo os áudios serem enviados à professora de forma que ela possa orientar a produção.</p> <hr/> <p>Avaliações:</p> <p>Quanto ao procedimento de acompanhamento e avaliação serão mediadores, processuais e formativos, procurando despertar o conhecimento prévio dos alunos e verificar aprendizagens e dificuldades durante o projeto, através de processos autoavaliativos.</p>
-----	---

RECURSOS

Datashow e computador, quadro, pincéis, mural, caixa de som, microfone, folhetos de cordéis, internet.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

Documento Curricular do Estado do Pará: Educação Infantil e Ensino Fundamental. 2ª Edição. Pará. 2019.

CEREJA, William Roberto. Português: linguagens, 7 / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães - 9 ed. reform. - São Paulo: Saraiva, 2015.

Elizabeth Marques Campos; Paula Marques Cardoso; Sílvia Leticia de Andrade. Viva Português: língua portuguesa , 7º ano / 2. ed. – São Paulo: Ática, 2009.

SITE CONSULTADO:

<https://www.youtube.com/watch?v=759uPmKB-Ow>

Vídeo Motivação - Oficina Declamações de Cordéis

Assista ao vídeo de crianças declamando poesias de cordel pelo link abaixo.

<https://www.youtube.com/watch?v=759uPmKB-Ow>



Crianças mantêm tradição nordestina declamando poesias de cordel - Vida Bela - 16/06/19



Conversa com a turma

- O que estão declamando?
- Quem?
- Para quê e pra quem?
- De que lugar?

Declamação é recitar poemas com tom e gestos apropriados. É pela voz e gestos que os versos dos poemas deixam as páginas dos livros para emocionar as pessoas na interpretação dos declamadores. Cada entonação, cada expressão facial, cada movimento das mãos atrai e prende o público ao poema.

O ideal é que você prepare a leitura com antecedência para dar o devido destaque ao ritmo e à musicalidade proporcionados pelas rimas. Treine a entonação e leia em voz alta, lembre-se que o cordel está fundamentado na oralidade e deve ser recitado de modo expressivo.

Vamos ler algumas sugestões para ensaio individual das declamações!

- a) Se houver rimas no final ou no interior de versos, assinale as sílabas que rimam, para interpretá-las com voz firme e forte.
- b) Observe o ritmo do poema e identifique as sílabas que devem ser pronunciadas de maneira mais forte.
- c) Verifique também se há no poema outros recursos sonoros, como repetições de palavras, de vogais e consoantes, onomatopeias, etc. e tente identificar o que esses sons sugerem.
- d) Observe os sinais de pontuação, marcando-os adequadamente na leitura.
- e) Ao ler, expresse-se com voz firme e marque com uma pequena pausa a passagem entre o fim de um verso e o início do outro.
- f) Faça a leitura em voz alta várias vezes, até decorar o poema. Depois comece a soltar o corpo, deixando surgir alguns gestos e movimentos que reforcem ou complementem o que é declamado.
- g) Ao declamar, preste atenção no que está dizendo. Valorize as palavras, procure ressaltar o sentido delas no texto. Não abaixe a cabeça e olhe sempre para a frente.

No dia da mostra, usem alguma peça de roupa diferente: uma boina, uma capa, um xale de tecido fininho, um chapéu extravagante. Se possível, ponha um fundo musical para cada poema declamado.

CEREJA, William Roberto. Português: linguagens, 7 / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães - 9 ed. reform. - São Paulo: Saraiva, 2015.

Para que a leitura seja expressiva, será preciso descobrir o tom certo para cada uma das estrofes. Veja, no quadro abaixo, os tons que você pode usar para tornar a declamação mais atraente.

TOM	CARACTERÍSTICAS
DRAMÁTICO	Aumento do volume da voz e da velocidade da leitura.
MISTERIOSO	Voz mais baixa que o normal, leitura lenta para provocar suspense.
HUMORÍSTICO	Leitura um pouco mais rápida que o normal, com um toque de deboche ou ironia.
ENVOLVENTE	Volume médio de voz, mas com bastante firmeza; ritmo pausado para garantir a atenção do ouvinte.
ENTRISTECIDO	Leitura em voz lenta e baixa, com expressão comovente.
ALEGRE	Voz um pouco alta e rápida, se possível, simulando um sorriso.
PREOCUPADO	Leitura envolvente, com volume de voz mais baixo.
SUAVE	Volume médio de voz; leitura lenta, como se embalasse os ouvintes.

Elizabeth Marques Campos; Paula Marques Cardoso; Sílvia Letícia de Andrade. Viva Português: língua portuguesa, 7º ano / 2. ed. – São Paulo: Ática, 2009.

OFICINA 5

Declamações de cordéis – módulo II

Objetivos de aprendizagem:

- Ler poemas em voz alta explorando recursos expressivos como: pausas, entonação, ritmo, voz, corpo e performance.

Habilidades BNCC:

(EF67LP28)

TEMPO (2 aulas)	ATIVIDADE
90'	<p>Rodas de leituras e conversas.</p> <p>Se houver cordelistas na comunidade local convidar para participarem das rodas de leituras e conversas.</p> <p>Conversação espontânea sobre a Literatura de Cordel.</p>
10'	<p>Avaliações:</p> <p>Quanto ao procedimento de acompanhamento e avaliação serão mediadores, processuais e formativos, procurando despertar o conhecimento prévio dos alunos e verificar aprendizagens e dificuldades durante o projeto, através de processos autoavaliativos.</p>

RECURSOS

Datashow e computador, quadro, pincéis, mural, caixa de som, microfone, folhetos de cordéis, internet.

TEXTOS UTILIZADOS NAS RODAS DE LEITURAS:

- Terra, Patativa do Assaré;
- Meio Ambiente, Paulo Mendes;
- Reforma Agrária: Do latifúndio à diversidade, Maria Raimunda e Rosiane Alves;
- Etnia, Costa Senna;
- Cordéis do Norte – A Lenda da Boiúna e A Lenda do Boto, ambos de Adão Almeida.

Finalização

Organização de uma apresentação com declamações de cordéis, envolvendo os participantes das oficinas, em um evento cultural da escola aberto a toda a comunidade escolar.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E PRODUÇÃO ESCRITA

Eu, _____, CPF sob nº _____, AUTORIZO o uso de minha imagem e produções escritas, sob minha responsabilidade, no produto da pesquisa intitulada “A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA: FORMAÇÃO LEITORA E ESCRITORA, EM UMA ESCOLA DO CAMPO”, de autoria da professora Josélia Rodrigues Moraes, sob orientação da professora Doutora Áustria Rodrigues Brito.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e produções escritas acima mencionadas em todo o território nacional, em todas as modalidades, sejam elas impressas, sejam virtuais.

São Domingos do Araguaia - PA , _____ de _____ de 2022.

Assinatura

ATIVIDADES DE SONDAgens

Leia os textos 1 e 2 e responda às questões de 01 a 05.

Texto 1

Lenda do caipora

[...]

Vivendo na intimidade
da aconchegante flora
como um guardião que zela
a quem mais ama e adora
é o protetor da fauna
o lendário caipora.

E o caçador prudente
ao conduzir o seu cão
antes de entrar na mata
deve, por obrigação
ao caipora pedir
a sua autorização.

Senão estará sujeito
a ser desafortunado
ou inexplicavelmente
ficar desorientado
andando em círculo na mata
por tempo indeterminado.

Outras vezes algo estranho
fica o cachorro sentindo
andando em torno do dono
se lastimando e ganindo
sem que o dono perceba
quem o está perseguindo.

[...]

Um caçador nos contou
um curioso ocorrido
um caso igualmente aquele
nunca tinha acontecido
dessa vez o caipora
se deixou ser percebido.

Quando entrou na mata virgem
repentinamente viu
três porcos-do-mato que
quando ele os pressentiu
os alvejou um por um
até que o último caiu.

Quando ia dirigir-se
aos porcos mortos no chão
um moleque apareceu
com um enorme ferrão
montado num porco-espinho
na densa vegetação.

E enfiando o ferrão
nos flancos dum animal
mandou-o se levantar
que o tiro não foi mortal
o porco saiu correndo
por dentro do matagal.

[...]

Texto 2

Caipora

É um mito do Brasil que os índios já conheciam desde a época do descobrimento. Índios e Jesuítas o chamavam de Caiçara, o protetor da caça e das matas.

Seus pés voltados para trás servem para despistar os caçadores, deixando-os sempre a seguir rastros falsos. Quem o vê, perde totalmente o rumo, e não sabe mais achar o caminho de volta. É impossível capturá-lo. Para atrair suas vítimas, ele, às vezes, chama as pessoas com gritos que imitam a voz humana. É também chamado de Pai ou Mãe-do-Mato, Curupira e Caipora. Para os Índios Guaranis, ele é o Demônio da Floresta. Às vezes é visto montando um porco do mato.

<http://www.arteducacao.pro.br>

1. Do que os textos 1 e 2 tratam? Em que aspectos são diferentes?

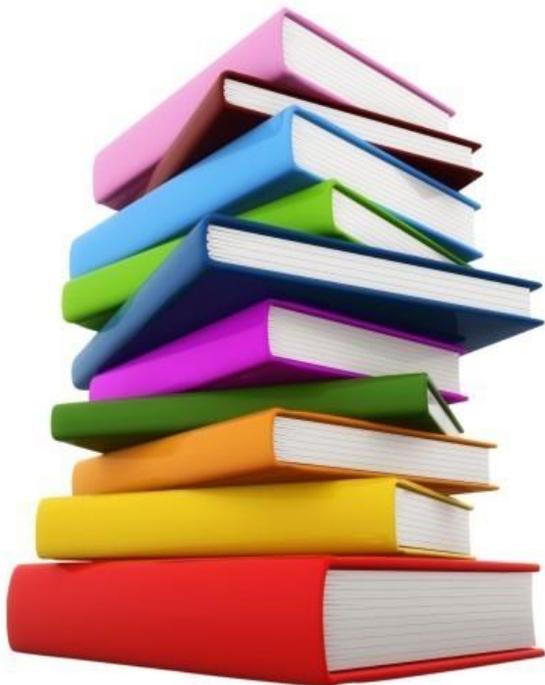
2. O texto 1 está dividido em estrofes. Quantos versos há em cada uma delas?

3. Em cada estrofe, do texto 1, há alguns versos que rimam entre si. Que versos são esses?

4. No texto 1, um caçador disse ter visto o caipora, de que forma isso aconteceu? Como o caçador descreveu o caipora?

5. De acordo com o texto 2, para que servem os pés voltados para trás do Caipora?

Leia o texto 3 a seguir e responda as questões abaixo.



O LIVRO

O livro é um lugar de papel e dentro dele existe sempre uma paisagem. O leitor abre o livro, vai lendo, lendo e, quando vê, já está mergulhado na paisagem. Pensando bem, ler é como viajar para outro universo sem sair de casa. Caminhando dentro do livro, o leitor vai conhecer personagens e lugares, participar de aventuras, desvendar segredos, ficar encantado, entrar em contato com opiniões diferentes das suas, sentir medo, acreditar em sonhos, chorar, dar gargalhadas, querer fugir e, às vezes, até sentir vontade de dar um beijinho na princesa. Tudo é mentira. Ao mesmo tempo, tudo é verdade, tanto que após a viagem, que alguns chamam leitura, o leitor, se tiver sorte, pode ficar compreendendo um pouco melhor sua própria vida, as outras pessoas e as coisas do mundo.

Ricardo Azevedo

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. Se eu fosse aquilo. São Paulo: Ática, 2002.

1. De acordo com o texto 3, o que é livro e leitura?

2. E para você, o que é um livro e qual a sua importância?

3. O que gosta de ler?

() poesia.

() história em quadrinhos.

() contos.

Outros (especifique): _____

4. No texto 3, o locutor do texto diz que o livro é um lugar de papel, porém sabemos que já existem livros em formatos digitais chamados de ebooks. Você prefere ler textos e/ou livros impressos ou em formato digital? Explique sua opção.

5. Você lembra que textos e/ou livros leu durante a sua vida escolar? De qual (is) você mais gostou e por quê?

6. Você gosta de escrever? Qual uso você faz da escrita no seu dia a dia?

7. Onde aprendeu a ler e a escrever? Quem te ajudou nesse processo de aprendizagem?

8. Você conhece algum poema? Sabe quem o escreveu? Caso sim, escreva-o em uma folha avulsa e cole no mural de sua sala de aula.

9. Você já fez a leitura oral de algum poema em apresentações na escola ou em outros locais?

10. Como você prefere ler?

- () leitura silenciosa
() leitura em voz alta
() leitura em jogral

11. Você conhece algum escritor na comunidade em que vive? Caso sim, o que ele escreve?

12. Você acha que uma pessoa nasce escritor, é um dom nato, ou torna-se escritor, é algo que se aprende durante a vida?

13. Que textos circulam no lugar onde você vive? Cite todos que você lembrar e em quais locais (casa, igreja, associações, sindicatos, comércios etc) podemos encontrá-los.

CONVERSA COM OS FAMILIARES

1. Identificação do entrevistado

Nome Completo: _____

Idade: _____ Sexo: Feminino () Masculino ()

Cor/Raça: _____

Profissão: _____

Município / UF de nascimento: _____

Grau de parentesco com o aluno entrevistador: _____

Escolaridade: Fundamental () Médio () Sem escolaridade ()

Endereço: _____

2. Práticas de leitura e escrita

A. Sobre a leitura:

- () Consegue ler fluentemente
- () Ler algumas palavras
- () Não sabe ler

B. Você acha importante saber ler? Por quê?

C. Se sabe ler, o que você ler no dia a dia? Costuma ler pelo celular ou computador?

D. Na sua vida escolar, leu algum conto, poema, crônica, romances, entre outras leituras? As leituras na escola ajudavam / ajudam na sua vida?

E. Você gosta de poemas? ** Conhece algum poema? Sabe o nome de algum poeta?

Obs.: ** Caso o entrevistado conheça algum poema, o aluno ou aluna vai pedir à pessoa que escreva esse poema ou dite-o para que seja anotado.

F. Consegue escrever seu nome ou assina com a digital?

G. Se sabe escrever, o que você escreve no seu dia a dia?

H. Que textos e/ou livros vocês têm em casa?

3. Sobre literatura de cordel

I. Você conhece o cordel? Já ouviu falar? Onde?

II. Caso você tenha vivenciado alguma experiência com a literatura de cordel, seja no seu dia a dia ou na vida escolar, comente um pouco sobre ela.

Nome do (a) aluno (a) entrevistador(a): _____

Data: ____ / ____ / _____

Local: _____

ATIVIDADES DE LEITURA

Preserve o Meio Ambiente e Salve o Nosso Planeta

(Paulo Moura)

O animal bicho homem	É prejuízo na certa
Desde a sua criação	Pra uma nação inteira
A cada passo que dá	
Na sua evolução	Pois é coisa corriqueira
Maltrata o seu planeta	Tomar banhos demorados
Agindo como um cometa	10 minutos no chuveiro
Provoca destruição	100 litros lá são usados
	Se 1000 pessoas tomarem
Não age com a razão	Seus banhos e demorarem
Destrói a sua morada	100 mil litros são gastados
Desmata, arrasa, polui	
De forma desordenada	E não fiquem assustados
Despreza a ecologia	Com o que agora vou dizer:
No campo da economia	O lixo que é jogado
Só visa o lucro e mais nada	Sem a seleção fazer
	Trará contaminação
Tem gente preocupada	E toda a população
Com o que pode acontecer	Do mundo vai perecer
Por isso é importante	
Alguns conceitos rever	Pra viver com mais prazer
Então pare alguns momentos	Preservar o bem estar
E leia os dez mandamentos	Deixe o carro na garagem
Para a lei do bem viver	E comece a caminhar
	Com essa simples ação
Racionalizar é ter	Reduz a poluição
A certeza verdadeira	E melhora nosso ar
De que o vaso sanitário	
Ou uma simples torneira	E é sempre bom desligar
Com defeito ou aberta	As luzes quando sair

De um cômodo pra outro

Assim vai contribuir

Com a racionalização

Pois combate o apagão

E o gasto vai reduzir

E não é muito pedir

Para cada brasileiro

Plantar uma arvorezinha

No quintal ou no terreiro

Essas pequenas ações

Transformaram em milhões

De árvores no mundo inteiro

Aprenda isso e ensine

Se engarrafar, não buzine

Espere a sua hora

O que eu vou dizer agora

Você pode não saber

Mas o animal selvagem

Nunca mata por prazer

Por isso vive tranquilo

Porque só mata aquilo

Que precisa pra comer

O que se pode fazer

Pra melhorar o ambiente

É viver em harmonia

E em tudo ser consciente

Diminuir a pobreza

Não ostentando riqueza

Já ajuda muita gente

Aqui ou no estrangeiro

Tenha sempre consciência

Só consuma ou só compre

O que tiver procedência

Use papéis reciclados

Assim serão desmatados

Numa bem menor frequência

A principal consequência

Da poluição sonora

É o acúmulo dos carros

Que no trânsito demora

Separe e dê de presente

Livros velhos ou usados

Sapatos que não lhe servem

Não devem ficar guardados

Se não quer mais a camisa

Dê pra alguém que precisa

Pois estão necessitados

Que esses aprendizados

Lhe toquem o coração

E que todo mundo aprenda

Essa importante lição

Preserve o meio ambiente

Pois o mundo está doente

E precisa de atenção.

Postado

por www.educarcomcordel.blogspot.com :

Acesso em 02/06/2022.

LEITURA E RODA DE CONVERSA

A terra é nossa

A terra é um bem comum
Que pertence a cada um.
Com o seu poder além,
Deus fez a grande Natura
Mas não passou escritura
Da terra para ninguém.

Se a terra foi Deus quem fez,
Se é obra da criação,
Deve cada camponês
Ter uma faixa de chão.

Quando um agregado solta
O seu grito de revolta,
Tem razão de reclamar.
Não há maior padecer
Do que um camponês viver
Sem terra pra trabalhar.

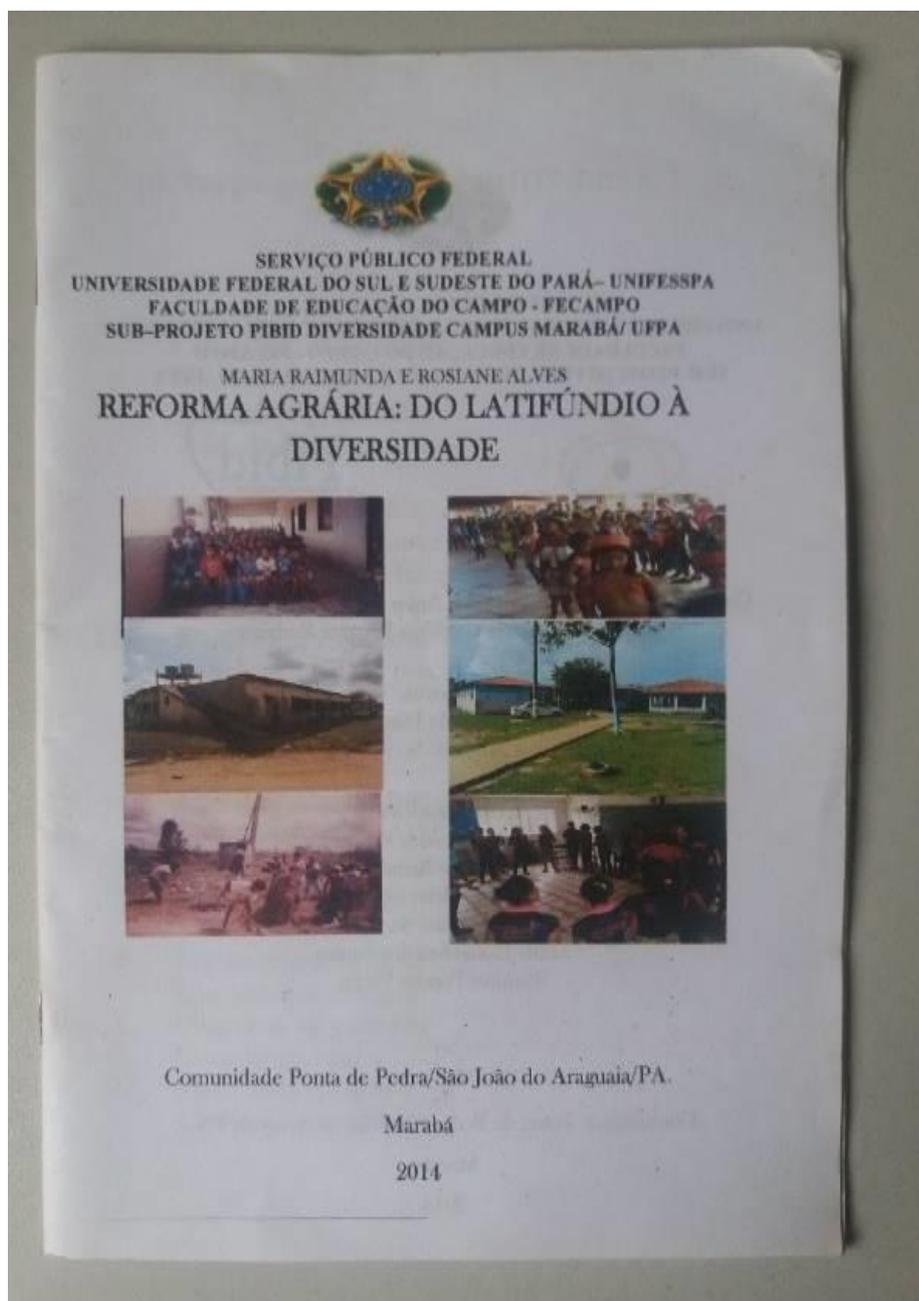
O grande latifundiário,
Egoísta e usurário,
Da terra toda se apossa
Causando crises fatais
Porém nas leis naturais
Sabemos que a terra é nossa.

<https://www.culturagenial.com/patativa-do-assare-poemas/>: acesso em 16/03/2022

Conversa com a turma

1. Do que trata o texto?
2. A voz que fala no poema é chamada de eu lírico, qual o ponto de vista do eu lírico sobre o uso da terra?
3. Na última estrofe do poema o eu lírico faz uma crítica a quem?
4. Na sua opinião, a terra é nossa?
5. Você sabe o que é propriedade privada?
6. Você sabe o que é reforma agrária

Folheto de cordel “Reforma Agrária: do latifúndio à diversidade”
História da Comunidade Ponta de Pedra, do município de
São João do Araguaia – PA.



ATIVIDADES DE LEITURA: CORDÉIS DO NORTE**A LENDA DA BOIÚNA**

Adão Almeida

Há muitos anos atrás	Do lugar era a mais linda
Um caso eu ouvi contar,	Todo mundo assim falava.
Saga muito conhecida	
De fazer arrepiar,	A mocinha conheceu,
Pioneiros já contavam	Enfim, seu primeiro amor
O que irei relatar.	E logo completamente,
	Para ele se entregou.
No bairro Cabelo Seco	A paz que tinha se foi,
Residia bom senhor,	Pois bem cedo engravidou.
Um homem de tradição,	
Prezado e trabalhador,	Sem nenhuma experiência
Também era generoso	Em pânico quase entrou,
Esse nobre pescador.	Temente a seu pai e mãe
	Que sem diálogo a criou,
Mil novecentos e dez	escondendo a gravidez
Sua esposa engravidou,	Pra ninguém nunca contou.
Sabendo da gestação	
Rosinha a bebê chamou.	Escondeu a gestação
A criança nasceu forte	Temendo alguém perceber.
E Marabá se alegrou.	O seu bebê em sufoco
	Como se fosse morrer.
A menina ia crescendo,	Os nove meses assim
Sua lindeza aumentava.	Até quando foi nascer.
Cada rapaz quando a via	
Pela jovem se encantava,	

Chegando as dores do parto

Veja só no que se deu!

Fingiu lavar roupa e ao rio

Itacaiúnas desceu.

As contrações eram fortes

Sua filha ali nasceu.

Com a criança nos braços,

Nem mesmo lhe abençoou.

Na pior das decisões

Essa mãe não meditou,

Recomendando a Jesus

Dentro do rio a jogou.

Bem depois de muitos anos

Contou certo castanheiro,

Voltando do castanhal

Em vinte e dois de janeiro,

Próximo do Pirucaba

Surgiu enorme banzeiro.

Tentando parar o barco

Algo estranho ele notou:

O mesmo não se movia,

Pois a hélice parou.

Da água veio uma voz

De criança que falou.

Cobra gigante se ergueu

E dizia bem assim:

_ Sou a filha de Rosinha,

Que amor não teve por mim.

Pois atirou-me no rio

Pensando ver o meu fim.

Se assombro os navegadores

E quem está a passar,

Não é esse meu intento,

Quero apenas conversar.

Espero um belo rapaz

Para me desencantar.

Traz leite de moça virgem,

Duas limbo de cristal

Sete palavras secretas

Pra quebrar o ritual.

Só um rapaz corajoso

Para trazer-me ao normal.

(ALMEIDA, 2022, p.8-9)

ATIVIDADES DE LEITURA: CORDÉIS DO NORTE

A LENDA DO BOTO

Adão Almeida

Convido você leitor,
Para esta lenda escutar
Que frisa a nossa cultura,
Também a arte de dançar.
Pobre, rico, branco e negro
De quem podemos herdar.

Bem no Norte do Brasil,
No Sudeste do Pará,
Tema a cidade querida
Centenária Marabá,
Cheias de ciclos e lendas
O melhor se encontra lá.

Cidade esta miscigena
Gente de todo lugar,
Povo com diversas crenças
Mesclagem sempre a pulsar.
A dança da nossa terra
Está por todo lugar.

Marabá era minúscula,
Pequena zona rural.
As festas no lugarzinho
Levantavam o alto-astral.

Na casa de Conceição,
Venceslau ou outro tal.

Todos conheciam todos,
Só era paz e alegria.
Os casais formavam pares,
Dançando ao raiar do dia.
Moças, jovens e rapazes
Mostravam a simpatia.

No mês das festas juninas
Um estranho apareceu,
Tinha suas vestes brancas
E uma pose de Romeu,
Quando as mulheres o viram
Certo alvoroço cresceu.

O rapaz dançava bem:
Brega, forró e lambada.
Não descansava uma parte
Como assim era chamada.
Hoje se chama intervalo,
Também pausa ou parada.

Tinha o seu gesto anormal

Esse estranho dançarino.
Madrugadinha sumia,
Saía bem de fininho.
Certo esperto lhe seguiu
Pra saber o seu destino.

Lua cheia no horizonte,
A mesma estava se pondo.
O dançante sem notar,
Ficou assim relaxando.
O moço que lhe seguia
Com ele acabou falando.

O estranho era o boto rosa
Em humano transformado,
Ao ouvir a voz do moço,
Deu um salto agigantado.
Lançou-se dentro do rio,
Já em boto transformado.

(ALMEIDA, 2022, p.10 -11)

EVENTO CULTURAL: DECLAMAÇÕES DA TURMA

ETNIA

Costa Senna

É hora de percebermos
Que todos somos iguais
Frente à Constituição,
Pelas normas naturais,
Em toda ou qualquer questão
Cada um é um irmão
Nas leis espirituais.

Entre colonos e índios
Nossa história começou,
Mesmo com o genocídio
Que o invasor perpetrrou
Não conseguiu evitar
Do tempo todo juntar
E chegar onde chegou.

Em seguida é o negro
Levado à escravidão,
As piores crueldades
Sofreu aqui nesse chão,
Mas o tempo, meu leitor,
Fez dele o propulsor
Dessa miscigenação.

Desses povos tão distantes
Que nasceu a nossa gente.
Norte, sul, leste, oeste
Somos a mesma semente.
Regada, frutificamos
E o bem multiplicamos
De forma pura e decente.

Sem a discriminação
A vida é bem mais acesa
Ela desfaz o afeto,
Gera miséria, pobreza,
Destrói a perseverança,
O amor, a confiança,
A estima e a nobreza.

Vamos desmistificar
Os padrões de competência,
Há em cada ser humano
Bondade e eficiência;
Narcisos não levem a mal
Na vida o fundamental
É a nossa inteligência.

Tem mulato, mameluco,
Tem caboclo, sarará.
O nosso povo é eclético
Nos costumes, no pensar.
Tente agir corretamente,
Tu és parte dessa gente
Que não debes desprezar.

De negros, brancos e índios
Vêm as nossas etnias.
E todos temos direito
À mesma soberania.
No lugar do preconceito
Procure encontrar um jeito
De exercer cidadania.

(SENNA, 2012, p. 19-20)